

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

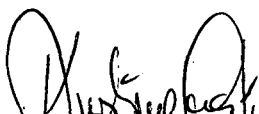
**CENTRO SÓCIO ECONÔMICO**

**DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

**RELAÇÃO E SEPARAÇÃO CONJUGAL -  
ANALISANDO O PROCESSO...**

Aprovado Pelo DSS

Em \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_



**KRYSTYNA MATYS COSTA**

**Chefe do Depto. de Serviço Social  
CSE-UFSC**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Assistente Social, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Célia Tamasso Miotto.**

**VILMA DE OLIVEIRA SCHNEIDER**

**FLORIANÓPOLIS**

**1995**

**Dedico este trabalho:**

**À Ivanor, pelo amor, amizade e  
cumplicidade de quase duas décadas de  
convivência.**

**À Thiella e Alizeu pela compreensão e  
apoio que desprenderam durante a  
trajetória de minha vida acadêmica.**

**Ao pequeno Fernando, por saber esperar e  
entender a minha ausência, mesmo com  
lágrimas e choros.**

**Minha Família,**

**...princípio ...**

**... meio ...**

**... e fim...**

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Célia Tamaso Miotto, pela orientação, credibilidade, apoio e incentivo para superar as dificuldades encontradas na elaboração deste trabalho.

À Prof<sup>ª</sup>. Supervisora do Sub-Núcleo de Estágio - Serviço Social Forense - Marly Venzon Tristão, pela receptividade, apoio, convivência e carinho no decorrer do curso e estágio.

À Assistente Social e Supervisora de Campo Ieda Matias Pontes, pelo apoio, amizade e carinho, exemplo ético-profissional, esforço e forma abnegada com que conduziu todo processo de supervisão no decorrer do estágio.

A todos os casais com os quais observamos, dividimos e sofremos muitos momentos, e dessa forma possibilitaram a iniciação da nossa prática profissional.

Às colegas de estágio Rita F., Marise, Cléo, Cida, Adriana, Alessandra, Juliana, Nilmara, Daniela e Cláudia, pelo companheirismo, amizade e apoio.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo apoio.

Aos alunos e colegas do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, pela receptividade e carinho durante o curso.

De forma muito especial À Rita de Cássia, colega de turma, de estágio, vizinha, não só pela amizade, mas pelo carinho, companheirismo e troca de conhecimento que existiu no decorrer dessa caminhada.

Com carinho, às minhas irmãs, Dioraci, Else, Sandra, Ilda e Aderbal (irmão caçula), que mesmo de longe sempre deram apoio e estímulo na realização deste curso.

A meus pais Otaviano Mendes de Oliveira e Dalnei de Linhares Oliveira, “In memoriam”, que me permitiram a vida. As alegrias de hoje também são suas, pois o seu amor, estímulo e carinho foram as armas desta vitória.

Ao meu marido Ivanor, pelo estímulo, compreensão e renúncia, sem as quais as dificuldades certamente seriam maiores.

À Thiella, filha, amiga, companheira que não mediu esforços, ao contrário, em cada página deste trabalho, e em cada dia de duração do curso, sua presença foi imprescindível. Através dela, referenciamos o mais novo membro da família, nosso querido Paulo.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	7
---------------------------	---

### **CAPÍTULO 1 - CASAMENTO, CONJUGALIDADE E SEPARAÇÃO**

<b>1 Introdução</b> .....	10
<b>2 O Casamento no Contexto Moderno</b> .....	11
<b>3 As Relações Conjugais</b> .....	19
3.1 A Escolha do Parceiro.....	21
3.2 Estabelecimento da Dinâmica Conjugal.....	24
3.3 A Chegada dos Filhos.....	29
3.4 A Adolescência dos Filhos.....	30
<b>4 A Relação Conjugal e a Dinâmica Familiar</b> .....	31
<b>5 A Separação Conjugal</b> .....	36

### **CAPÍTULO 2 - CASAIS EM PROCESSO DE SEPARAÇÃO NO EMAJ - APRESENTAÇÃO DOS CASOS**

<b>1 Introdução</b> .....	43
<b>2 O Método</b> .....	43
<b>3 Estudo de Caso</b> .....	45
3.1 Critério de Escolha dos Sujeitos da Pesquisa.....	45
<b>4 Casal 1</b> .....	48
4.1 Solicitação.....	49
4.2 Início da Relação.....	50
4.3 Dinâmica do Relacionamento.....	51

4.4 Relacionamento Sexual.....	54
4.5 Os Filhos na Dinâmica do Casal.....	55
4.6 O Contato do Casal com a Família de Origem.....	57
4.7 A vida Social do Casal.....	58
<b>5 Casal 2</b> .....	60
5.1 Solicitação.....	60
5.2 Início da Relação Conjugal.....	61
5.3 Dinâmica do Relacionamento.....	62
5.4 O Relacionamento Sexual.....	66
5.5 Os filhos na Dinâmica do Casal.....	66
5.6 O Contato do Casal com a Família de Origem.....	67
5.7 A Vida Social do Casal.....	69

### **CAPÍTULO 3 - CASAIS EM PROCESSO DE SEPARAÇÃO NO EMAJ - ANÁLISE DOS CASOS**

<b>1 Introdução</b> .....	71
<b>2 Escolha do Parceiro</b> .....	74
<b>3 A Dinâmica Conjugal</b> .....	75
<b>4 Os Filhos na Dinâmica do Casal</b> .....	80
<b>5 A Interferência da Família de Origem na Dinâmica do Casal</b> .....	83
<b>6 A Opção pela Separação</b> .....	84

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	94
<b>ANEXO 1</b> .....	98
<b>ANEXO 2</b> .....	117
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	130

## APRESENTAÇÃO

O estudo que ora apresentamos é o resultado da nossa prática de observação, investigação e intervenção realizada com casais em processo de separação, durante três semestres (março de 94 a julho de 95) no Escritório Modelo de Assistência Jurídica (EMAJ), da UFSC.

O EMAJ é uma instituição que presta assistência jurídica gratuita para pessoas com renda mensal de até três salários mínimos e residentes na Comarca de Florianópolis. É na área da família que a intervenção do Serviço Social se faz presente, principalmente no tocante a separação conjugal e na série de conflitos decorrentes desse processo, como guarda, pensão alimentícia, violência doméstica dentre outros.

A escolha do tema, separação conjugal - dinâmica e estrutura do casal em processo de separação, foi motivado considerando sobretudo dois aspectos.

O primeiro refere-se a demanda efetiva dos nossos atendimentos. Dos 40 casos que tive oportunidade de acompanhar, 84% deles foram de separação conjugal. Nesses casos a separação conjugal era buscada como último recurso do usuário para pôr fim a um relacionamento cujas regras que o governavam não atendiam mais às expectativas e/ou às exigências de um ou ambos os cônjuges.

Diante desse quadro, tentamos de alguma maneira penetrar nessa realidade, na busca, não diríamos de respostas, mas de um diálogo com áreas do conhecimento que pudessem nos auxiliar nessas situações. Situações estas onde o sonho não termina mas cede espaço a duras realidades vivenciadas no dia-a-dia da relação conjugal.

O segundo aspecto determinante do nosso trabalho foi a ausência de estudos mais aprofundados sobre a dinâmica dos casais em processo de separação, produzidos a partir do EMAJ.

Através da leitura de vários trabalhos de conclusão de curso realizados, observamos que alguns contemplam de forma abrangente o contexto da prática interdisciplinar no EMAJ (Furtado, 1994 e Casagrande, 1994). Outros estudos trabalham os aspectos jurídico, sociológico, ideológico, cultural, antropológico da família e do casamento, enquanto instituições (Serafim, 1994 e Bampi, 1995).

Especificamente sobre separação conjugal os estudos recaíram sobre os fatores incidentes da separação conjugal, (Serafim, 1994) e sobre as representações sociais da separação (Carraro, 1995).

A partir dos aspectos relacionados decidimos centralizar nosso estudo sobre a dinâmica e a estrutura do casal, e nas demandas que são colocadas cotidianamente pelos casais que procuram o EMAJ. Nestas demandas,



se incluem as respostas que procuram para suas vivências conjugais, suas idealizações e dificuldades.

Para atender aos objetivos da nossa proposta, optamos por realizar o estudo de dois casos. A análise desses casos foi realizado a partir dos pressupostos da metodologia de estudo de caso.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo **Casamento, Conjugalidade e Separação** será composto de uma revisão teórica sobre aspectos relacionados ao casamento, a conjugalidade e a separação conjugal.

No segundo capítulo - **Casais em Processo de Separação-Apresentação dos Casos** - serão apresentados os estudos de casos a partir de uma breve discussão sobre o método de Estudo de Caso.

No terceiro capítulo - **Casais em Processo de Separação - Análise dos Casos** realizaremos a análise dos casos apresentados à luz do referencial teórico levantado no primeiro capítulo.

Dessa forma, pretendemos contribuir para um aprofundamento da compreensão sobre os casos que são atendidos diariamente por Assistentes Sociais, que trabalham na área jurídica.

## CAPÍTULO 1

### CASAMENTO, CONJUGALIDADE E SEPARAÇÃO

#### 1 Introdução

A relação conjugal foi nosso objeto de estudo durante três semestres de estágio. No desenrolar dos atendimentos os usuários relatavam inúmeras queixas tanto em relação ao companheiro como: ausência do lar, desinteresse para com os filhos e para com a companheira, quanto em relação a situação conjugal vivenciada que não era a desejada, e sim marcada por insatisfações, agressões verbais, físicas, alcoolismo e adultério.

Percebíamos que ocorriam, na relação conjugal, situações onde prevalecia o outro não só como o culpado, mas sobretudo, como vítima do conflito instaurado. Diante desse quadro apresentado, perguntávamo-nos o que fazer? Com quem estará o problema ou a responsabilidade? Que fatores incidem sobre essa problemática? Seria apenas de ordem afetiva... econômica ... incompatibilidade ... ?

Tentamos, com isso, penetrar nessa realidade, na busca, não diríamos de respostas, e sim, para dialogar com áreas que poderiam nos auxiliar diante dessas situações, onde o sonho não termina, mas cede espaço a realidades

dentro de tantas outras realidades que são vivenciadas no dia-a-dia de um relacionamento conjugal.

Dada a complexidade do tema, que envolve aspectos históricos sociais e culturais, optamos por centralizar a discussão no âmbito das relações conjugais, através de uma rápida revisão sobre: **O Casamento no Contexto Moderno; As Relações Conjugais e a Dinâmica Familiar, e o Processo de Separação.**

## **2 O Casamento no Contexto Moderno**

Do tradicional para o moderno, alguns fatores se interpõem dando forma e diferenciação nessa dualidade, coexistindo e contrapondo expectativas de “indissolubilidade x transitoriedade; definição x indefinição de papéis; superioridade masculina x inferioridade feminina; alienação x competitividade; âmbito interno x âmbito externo, dentre muitos outros. A partir dessas diferenciações, tanto no casamento tradicional como no moderno ocorre uma alternância também entre o que é real x ideal, expectativas x frustrações.

O homem constrói sua história incorporando e transformando hábitos, necessidades, experiências e valores. Na contemporaneidade as transformações atingiram significativamente o campo da informática, da robótica e da energia nuclear. Com tantas transformações tecnológicas perguntamos como

está o campo das relações humanas, especialmente a afetiva? As transformações estão se dando com o mesmo alcance e intensidade? Com um simples toque o homem comunica-se com o mundo inteiro. Por outro lado, constata-se que esse mesmo homem, muitas vezes, não sabe ou conhece quem é seu vizinho.

Vemos com isso, que uma das implicações da revolução tecnológica é o isolamento do homem. Satisfazer necessidades físicas e biológicas não é o problema. Muitos autores (Porchat, 1992; D’Incao, 1992; Malheiros, 1994) dentre outros, têm concordado que a modernidade tornou o homem, em muitas situações, solitário, isolado e individualista. Ao tentar incorporar mudanças tão rápidas e profundas no dia-a-dia de suas relações, o homem torna-se confuso.

A mídia tem sido apontada como o veículo responsável por mostrar a falência dos padrões rígidos de comportamento que geram sentimentos de incertezas e perda de orientação.

Quando pensamos ter assimilado um padrão novo, logo surgem outras possibilidades e o novo já se tornou velho, o limite é não poder parar. A regra da modernidade é a contínua transformação, muitas vezes regida pelas normas em uma sociedade de consumo que permeiam inclusive as relações conjugais.

É dentro desse contexto que tentaremos situar a discussão do casamento atual, onde “amor, romance e individualidade batem de frente com a rápida transformação da tessitura social” Porchat (1992).

Nesse sentido há uma diversidade de fatores de ordem externa incidindo sobre as relações conjugais, como a flexibilidade das pressões sociais, e as mudanças de ordem legal. Nestas, o divórcio e uniões livres, aos poucos, vão sendo assimilados e aceitos sem o peso da condenação social. Serafim (1994).

Para Monteiro (1994:09) o casamento hoje não significa mais uma

*\* “sociedade do homem e da mulher, que se unem para perpetuar a espécie, para ajudar-se mediante socorros mútuos a carregar o peso da vida, e para partilhar seu comum destino(...) tão pouco significa uma união “permanente” entre homem e mulher”*

De acordo com o mesmo autor, o casamento na modernidade “constitui-se como sendo uma grande instituição social, que de fato nasce da vontade dos contraentes, mas que da imutável autoridade da lei recebe sua forma, suas normas e seus efeitos”.

Para outros autores juristas, o casamento implica um ato complexo, sendo ao mesmo tempo contrato e instituição. Em algumas sociedades, o casamento na ordem familiar, é simples fato análogo, à posse na ordem patrimonial.

Para Trigos appud Serafim (1994: 10), “a finalidade primeira da aliança matrimonial era a de ordem social, ou seja, de fortalecimento de grupos de parentesco e de status social, preservação da herança e poder econômico,” mostrando que nesse período, diferente de hoje, no casamento não existia espaço para interesses pessoais.

Porém, a característica maior no casamento de hoje, de acordo com a Constituição Federal de 1988 (artigo 5, inciso I) deve-se ao fato de o mesmo pautar-se pela “igualdade de direitos e obrigações” entre homem e mulher.

De acordo com muitos autores, principalmente aqueles ligados a discussão da revolução feminista, tal conquista ainda não é uma realidade, dada às raízes patriarcais da sociedade brasileira. A conquista da igualdade ou direitos pela mulher tem significado de fato, a conquista de uma dupla, quando não, tripla jornada de trabalho, pois é muito pequeno o número de homens que admitem e menor ainda os que aceitam ou assumem a igualdade entre sexos.

Embora diferentes autores, de diferentes áreas dêem interpretações e significações diferentes para o casamento, há concordância geral de que ele não acontece no céu, mas é parte de um contexto sócio-político, econômico e religioso com o qual está dialeticamente interrelacionado.

Porchat (1992), salienta isso dizendo que o casamento foi sobretudo vínculo político, econômico e para fins de reprodução. Somente a partir dos meados do século XIX em diante o casamento passa a realizar-se considerando

também o componente amor e felicidade, diferentemente do casamento que acontecia na ordem patriarcal.

\* Sociólogos, antropólogos e até juristas, dizem que o casamento moderno ainda não é uma realidade homogênea na sociedade. Isso porque, ao lado desse denominado padrão moderno, praticado a partir dos anos sessenta, convivem aqueles que se unem maritalmente influenciados pelo contexto sócio-cultural tradicional, preservando assim, valores que no casamento moderno sofreram transformações.

A análise considerada a partir de um paralelo, que intercala tradicional versus moderno, demonstra que as expectativas frente ao casamento se mostram de formas diferenciadas quanto a duração, intimidade na relação, diferenças dos papéis masculinos e femininos e finalmente quanto ao projeto de vida.

Considerando os aspectos culturais da nossa sociedade podemos dizer que, ainda nos dias de hoje, ao homem são dadas maiores possibilidades de realizações, principalmente no campo profissional. Dessa forma, ocorre uma alternância nas duas abordagens pois, tanto no moderno quanto no tradicional, os aspectos positivos e negativos estão presentes. De alguma forma o ônus do casamento é uma realidade onde o equilíbrio poderá se dar através da conciliação entre essas diferenças e o respeito a individualidade. O casamento, acima de

tudo, é uma instituição que articula valores do passado contextualizados no presente, projetando o futuro.

Nesse contexto cabe salientar a influência da chamada revolução social feminina, que veio exigir da sociedade maior conscientização da capacidade da mulher, onde os ganhos, como já comentamos, não foram os que realmente almejava-se, pois as mulheres continuam buscando a igualdade, assim como um mundo mais justo e, um lugar que lhes é de direito e que lhes está sendo negado. Simone de Beauvoir afirmou: “não se nasce mulher, torna-se mulher” demonstrando com isso que o masculino e feminino são criações culturais. <sup>x</sup>

Malheiros (1994) coloca que as mudanças, em função do espaço que a mulher passou a reivindicar e ocupar, contribuíram para converter o velho modelo em uma fórmula mais adequada aos anseios de igualdade na sociedade contemporânea, que acabam por corroborar para o estabelecimento de relações mais satisfatórias no casamento, mesmo que seja através de uma segunda união.

As repercussões desse período atingiram igualmente o campo da sexualidade humana, em especial, a feminina. Podemos dizer que esse aspecto já passou por um período de repressão e regulação, outro de revolução. Constata-se paralelamente um agravante, na medida em que as pessoas acabam recebendo uma carga de sugestões e apelos sexuais, desde a mais tenra infância, ficando



difícil, se não impossível, separar aquilo que é instintivo daquilo que é implantado pela mídia em geral.

A cultura é determinante nesse aspecto da sexualidade, visto dar ao homem uma maior aceitação e liberdade, por isso desenvolvem melhor o aspecto instintivo de sua sexualidade, pois não apenas são estimulados, como em muitas circunstâncias, pressionados a exercê-la mais cedo. Já as mulheres são educadas de forma diferente, mais para casar, e somente no âmbito conjugal poderão exercer sua sexualidade. É nesse sentido que o amor acaba sendo o “elemento decisivo” da sexualidade feminina, diferentemente do masculino, para quem, amor e sexo não necessariamente deverão estar vinculados.

< Para D’Incao (1992), as mudanças nos comportamentos são determinantes na transformação da família de maneira geral. Com isso o próprio casamento vai se alternando, ora perdendo, ora incorporando valores, influências e significações. A autora coloca que na sociedade burguesa, berço do casamento moderno, o mesmo se fez sob duas influências importantes. Uma seria a prática do “amor romântico”, que vem desde o século XI e XII e o “cristianismo” que busca exercer regulação sobre as práticas sexuais, limitando-as ao espaço restrito do casamento como preservação da espécie e coibição do incesto. ×

Além disso, a autora identifica que no contexto da modernidade a individualidade passou a ser um componente determinante no comportamento

social. A descoberta da individualidade parece ter tido duas conseqüências importantes para a compreensão do casamento.

Uma refere-se a introdução de uma outra perspectiva de análise para o casamento, ou seja, coloca a questão da afetividade como um aspecto importante ao casamento moderno, como: companheirismo, cuidados mútuos, reciprocidade e prazer. Essas são pois as dimensões inerentes ao “casamento moderno”, sem as quais, dificilmente uma união poderá ser estabelecida.

Para Taube (1992) a afetividade e a sexualidade jogam um papel fundamental no casamento. Para a autora, a existência desses fatores nos torna suscetíveis a valores e expectativas de amor e proteção independente da classe social. Por isso não se deve, em nome dos preconceitos imaginar que devido a condição social, somos mais ou menos afetados. A carência material não possibilita ao indivíduo ficar imune aos medos, inseguranças, ambivalências, violências, conflitos e desvios decorrentes dos rompimentos amorosos ou dos desajustes conjugais. Dessa forma não é mais possível trabalhar com as pessoas desconsiderando que elas sofrem com seus desenlaces ou com o não cumprimento dos compromisso oriundos de proteção e afeto, de sustento e mando, de status e de destino.

Muszkat (1992:85), coloca que,

*“O casamento de amor, compreende um tipo de prática moderna que se caracteriza por uma demanda romântica de satisfação, não apenas do corpo mas também do coração e do espírito. No*

*contexto amoroso atual, o prazer sexual que satisfaz o corpo é apenas um dos requisitos do amor conjugal. Contamos ainda com a ternura, a afeição e o carinho como realidades sentimentais que satisfazem as necessidades do coração e com a comunhão do pensamento e das idéias para satisfazer necessidades do espírito.”*

Outra consequência importante da descoberta da individualidade, foi a possibilidade de se contrapor ao sentido “de comunhão” presente por muito tempo na idéia de casamento, com o sentido de conjugalidade a partir do qual se passa a analisar atualmente as relações conjugais, com uma contribuição dos estudos sistêmicos e psicanalíticos.

### **3 As Relações Conjugais**

A palavra conjugalidade no nosso estudo está sendo entendida como a relação que se estabelece entre duas pessoas a partir do momento em que decidem partilhar uma vivência em comum independente de a mesma obedecer ou não aos padrões convencionados socialmente.

Esse entendimento confirmou-se ao buscarmos a explicitação da mesma, na sua etimologia vem da união das palavras conjugal mais idade. A palavra conjugal deriva do latim , conigualis (congigium) e significa unir, ligar e também parselhas de animais. Conjugo (sob a mesma canga, como bois emparelhados, atrelados. Idade (em comum). Concluimos então que

conjugalidade tem o significado de “estar unido por meio de uma vida em comum”.

De acordo com Calligaris (1994: 06),

*“a conjugalidade não é apenas ‘um conceito’, e sim uma “realidade social” fortemente estabelecida na sociedade atual. Tornou-se no mesmo tempo um valor crucial, ou seja, um componente de qualquer sonho de felicidade e o lugar de um sofrimento patológico (...) a conjugalidade vem se tornando lugar de sofrimento a partir do momento no qual ela não é mais uma decisão de conveniência freqüentemente deixada à iniciativa das famílias segundo os imperativos sociais e patrimoniais, mas começa a supor e exigir que seu fundamento seja o amor. Fenômeno, este, próprio à modernidade ocidental. (...) a conjugalidade sofre de um sonho, ou de um imperativo, moderno pelo qual não estamos mais dispostos a escolher nossos parceiros mais significativos a não ser por amor”*

Nessa mesma direção Costa & Katz (1992), afirmam que a conjugalidade, sendo uma realidade socialmente estabelecida é permeada por situações de permanentes crises, por isso, intensificam-se estudos sobre a mesma.

Tais estudos são realizados não só para fins científicos mas, sobretudo, considerando as repercussões sociais decorrentes dos conflitos advindos dos mesmos. Os estudos vêm sendo realizados por antropólogos,

sociólogos, psicólogos, médicos, advogados, enfermeiros, assistentes sociais e psicanalistas além de estudantes destas áreas.

De acordo com Ramos (1990), a relação conjugal é um processo dinâmico e evolutivo que tem início com a escolha do parceiro conjugal, e a partir daí será marcada pelas várias etapas significativas como: início do relacionamento conjugal; a chegada do primeiro filho; o crescimento dos filhos; desprendimento e separação, finalizando e aí poderíamos assim dizer, voltar a ser novamente um casal.

Nesta perspectiva faremos uma discussão das principais fases vividas pela família, tendo em vista, o nosso objeto de estudo: **a escolha do parceiro; estabelecimento da dinâmica conjugal; a chegada dos filhos; a adolescência dos filhos.**

### **3.1 A Escolha do Parceiro**

A literatura a cerca da eleição do objeto amoroso nas diferentes sociedades mostra que em cada uma o significado é diferente, contrastando sempre com os interesses sociais, econômicos, políticos, religiosos e culturais.

Sabe-se que algumas práticas culturais acabam sobrepondo-se a outras transmitindo seus costumes. Na sociedade brasileira não foi diferente, estudos sociológicos e antropológicos apontam que as influências européias

marcaram mais fortemente o que os autores chamam de “sentimentos modernos tanto em relação ao casamento quanto ao amor em geral e a paixão”.

D’Incao (1992), referindo-se ao que antes era considerado uma excentricidade cultural, hoje na contemporaneidade é tomado como natural. Com isso o romantismo que antes era apenas idealizado, hoje passou a ser um componente fundamental na escolha do parceiro.

A mesma autora coloca que, ao transformar-se, a sociedade burguesa vai se “caracterizar por conter e desenvolver valores entre os cônjuges, a maternidade, o cultivo da mãe como um ser especial, o do pai como responsável pelo bem estar material e educação dos filhos e a presença da criança como centro do lar.”

É nesse contexto que a autora vai situar as dificuldades com as quais o casal irá se defrontar, por exigir dinamicamente e estruturalmente a conciliação de sentimentos e outras necessidades inerentes ao casamento, ou pelo menos serão pouquíssimos os casais a passar incólumes no decorrer das várias fases da vivência conjugal.

No processo de escolha os casais buscam, dentre outros fatores, suprir desejos e necessidades, marcadamente de ordem afetiva. Nesse período, esse é o detalhe, importa apenas aquilo que os olhos querem ver, não é relevante o que cada um poderia dar ou trocar.

A escolha do parceiro, mesmo que não percebamos é “fruto das motivações inconscientes ligadas a fantasias, desejos, necessidades, frustrações vividas na infância e do processo de identificação da criança não só com os objetos (pai, mãe) mas também dos pais enquanto casal” (Pincus & Dare, 1987; Mioto, 1989; Costa & Katz, 1992).

A fase do namoro, para muitos casais, representa um estado especial onde se busca a realização com “o outro” ou “no outro” (Ramos 1990). A tendência do casal nesse período é exaltar primordialmente as suas virtudes dissimulando os defeitos, cada um “imagina” que as coisas que agradam a ambos não se modificaram no decorrer da vivência a dois. Lamanno (1994), diz que nesse momento acontece um engate, uma reciprocidade harmoniosa de desejos que, por um instante que seja, ficam cegos, mudos e surdos, imaginando que será assim eternamente.

Após o namoro, o casal dará o passo seguinte, demarcando assim, a união entre eles, quando então muitos fatores colidirão determinando qual será o futuro desse casal.

### **3.2 Estabelecimento da Dinâmica Conjugal**

O processo de escolha e a decisão de compartilhar uma vida em comum são decorrentes de um ato inconsciente mesmo que o casal alegue ou entenda de outra forma. Calil (1987:120:121), assim coloca sobre esse processo,

*“a atração sentida pelos cônjuges não se fundamenta somente na percepção consciente dos aspectos bons de cada um deles, mas também numa percepção inconsciente.(...) Essa atração pode se dar a partir de uma imaturidade emocional mútua. Indivíduos que não conseguem existir como pessoas individualizadas e possuem uma intensa ansiedade de separação geralmente procuram um parceiro que é igualmente ansioso em relação à separação e, juntos se aderem como se fossem um”*

A autora fala ainda da ambivalência que está presente nessa fase do relacionamento. Refere-se a capacidade que cada um tem de aceitar o que é bom e o que é ruim no outro. Em suma, o sucesso do casamento dependerá de um perfeito equilíbrio entre amor e ódio, visto que no desenrolar da relação conjugal a realidade vivenciada poderá não corresponder às expectativas. Significa dizer o que os autores afirmam, que as primeiras experiências, no decorrer do nosso desenvolvimento darão o tom das expectativas que depositamos no relacionamento.

Em algumas situações são os desejos inconscientes e os sentimentos mal resolvidos da infância que nos fazem exigir, às vezes, o impossível do nosso companheiro sem perceber que o fazemos.



Nesse sentido Pincus & Dare (1987: 40), colocam que o casamento é feito a base de um contrato secreto de quem nem mesmo seus participantes tem consciência. O contrato secreto que o autor se refere se da dessa forma:

*“Eu tentarei ser alguma das coisas mais importantes que você quer de mim, ainda que algumas delas sejam impossíveis, contraditórias e loucas, desde que você seja para mim algumas das coisas impossíveis, contraditórias e loucas que eu quero que você seja. Não precisamos contar um ao outro o que essas coisas são, mas ficaremos zangados, aborrecidos e deprimidos se não formos fiéis a isso.”*

Faz parte da dinâmica conjugal o mecanismo psicológico denominado projeção. A projeção está presente em todos os relacionamentos humanos, mais fortemente os que estão calcados na afetividade, como relacionamentos entre o casal, pais e filhos.

As identificações projetivas são as negociações inconscientes que se dão entre os parceiros no estabelecimento das relações conjugais. Referem-se aos sentimentos e expectativas de uma pessoa, que coloca as suas próprias vontades, necessidades e sentimentos negados e suprimidos no próprio companheiro ao invés de percebê-los vindo de dentro de si mesmo. As autoras dizem que nas famílias e no casamento, não representam apenas a necessidade de livrar-se dos sentimentos, desejos e frustrações, ao contrário, representa também a possibilidade de não perder aspectos de si próprio.

Mioto (1994), entende que os casais, as famílias, assim como o indivíduo, são possuidores de uma estrutura inconsciente sobre a qual organizam sua vivência. Através dessa organização postula-se a existência de um objeto familiar inconsciente cuja compreensão dará o tom da qualidade das relações.

A externalização deste objeto se faz através das operações inconscientes pelas quais aspectos do mundo interno do sujeito são escindidos e, via projeção, passam a localizar-se dentro do objeto. Dessa forma, o sujeito fica desprovido dessa parte e experiencia o objeto como parte escindida. Então, a percepção do objeto e a imagem de si mesmo se tornam distorcidas (Mioto, 1989).

Para Lamanno (1994:129),

*“O casamento atual, é o lugar privilegiado para realização de uma série de necessidades afetivas dos sujeitos porque, através dos tempos, aqueles foram sendo constituídos como seres desejantes, no sentido amoroso, quer dizer, as vivências mais profundas foram sendo articulados às concepções de amor conjugal do tipo romântico e erótico. O casamento tornou-se indispensável para satisfazer essa necessidade amorosa, ela própria instituída pelo social”.*

Na conjugalidade a sexualidade tem sido apontada como um elemento importante e de destaque, que está a meio caminho entre a natureza e a

cultura, e será um elemento determinante da dinâmica e estrutura estabelecida pelo casal e ao mesmo tempo por elas será determinada Miotto (1989).

Salienta-se também a discussão referente ao elemento motivador da sexualidade. Muitos autores colocam a ocorrência de uma confusão gerada nessa área, visto que as pessoas, por muitos determinantes, culturais, sociais, alguns de ordem inconsciente, não conseguem separar amor e sexo. Para muitos, e principalmente as mulheres, um pressupõe o outro, reforçando ainda mais o poder deste instinto, cuja finalidade inicial era apenas garantir a continuidade da espécie. Com isso, a sexualidade, que era um subitem do amor, vai se tornando um subitem da individualidade.

Gomes (1993: 131) diz que,

*“O direito de ter prazer sexual, mesmo que isso cause sofrimento a terceiros e desestruture algumas instituições sociais, passa a ser defendido. A ausência do prazer sexual numa relação não a questiona apenas quanto à sua “saúde”, mas agora questiona também quanto à sua permanência”.*

A autora coloca que as uniões são desfeitas caso a vivência sexual dos cônjuges apresente dificuldades. Atualmente, nem em favor do bem-estar da família abre-se mão do prazer e da satisfação sexual. Na falta desses elementos, impõem-se a separação. Os cônjuges, devido a isso, sentem-se sobrecarregados de mais uma exigência não só as vezes árdua, mas, ao mesmo tempo, pouco clara do que se espera deles. No entanto, apesar de todas essas dificuldades, a

realização da sexualidade e do prazer, “é uma aspiração que dificilmente o homem contemporâneo renegará”.

Por outro lado, alguns autores, entre eles, (Costa & Katz 1992; Mito, 1989;1994), colocam a importância do relacionamento sexual , pois observaram que muitos casais continuam juntos devido a um bom entrosamento sexual, outros casais ao contrário, colocam suas dificuldades sexuais como causa freqüente de desentendimentos conjugais. Para os autores, o casamento representa uma oportunidade de satisfazer as fantasias infantis e inconscientes, principalmente as relacionadas às fantasias incestuosas, que acabam influenciando na intensidade e na qualidade das projeções no cônjuge dos pais internos. Os casais, necessariamente, precisam separar os significados das suas experiências anteriores a fim de capacitar-se para estabelecerem relacionamentos afetivos satisfatórios.

Podemos concluir que “a relação conjugal se estabelece através das identidades individuais, estruturadas a partir das vivências familiares de cada um dos parceiros, especialmente da identidade sexual. Por isso a relação em si, tende a influir e mudar cada parceiro, que por sua vez, influi de outras formas na relação” (Mito, 1994).

### 3.3 A Chegada dos Filhos

Não só a chegada do primeiro filho, mas a cada nascimento, é outra etapa a ser enfrentada pelo casal, onde o determinante será a capacidade de assimilação dos novos papéis. Deixam de ser apenas filhos, para serem pais, uma família, cujo modelo é aquela que tão bem conhecem desde sua infância, ou seja, a de seus próprios pais. Não se quer dizer com isso que os modelos serão os mesmos. O papel de mãe e de pai serão forjados também na própria relação do casal, onde estão presentes as diferenças decorrentes das vivências que cada cônjuge teve com as suas famílias de origem.

Em relação a esta etapa alguns autores sustentam que, se o casal tiver alto grau de carência afetiva, o nascimento de um filho poderá ser tomado como a chegada de um rival que toma para si o lugar de privilégios e de exclusividade que eram seus. Portanto a forma como o casal vive esta nova situação influenciará o desempenho das funções de pais.

A fase vivenciada pelo casal com e após o nascimento dos filhos coincide com o desenvolvimento em relação a vida produtiva, (a realização profissional) e estabelecimento de bases domésticas (obtenção da casa própria).

Essa fase no entanto varia de acordo com a condição econômica e social de cada família. Ramos (1990), diz que nas classes menos beneficiadas a luta do casal é pela sobrevivência. Já nas classes mais abastadas, a manutenção

do padrão econômico também é uma questão de sobrevivência. Em ambas as situações o cuidado dos filhos é delegado a outros, tal como creches ou à empregadas, “ocasionando muitas vezes uma convivência escassa entre pais e filhos”.

### **3.4 A chegada dos Filhos na Adolescência**

A chegada dos filhos na adolescência é outra etapa significativa na vivência do casal e da família, onde os filhos confrontarão os pais na busca da sua independência e identidade própria, gerando processos e mecanismos de intensos conflitos e angústias que poderão até mesmo desestabilizar a família. Nesse período o casal igualmente reviverá seu próprio processo de independência, sendo determinante se o mesmo foi elaborado satisfatoriamente ou não.

Pontuaremos a seguir a estreita influência que a dinâmica do casal exerce sobre a dinâmica familiar, visto que a relação conjugal é a matriz para a constituição da família, é o carro chefe determinante da estrutura e dinâmica da mesma.

#### 4 A Relação Conjugal e a Dinâmica Familiar

A influência que a dinâmica do casal exerce sobre a família, de acordo com vários autores, é decorrente da existência de um reconhecimento inconsciente partilhado pelo casal que dá origem aos papéis e padrões de relacionamento conjugal, conseqüentemente a uma dinâmica relacional que tende a se tornar a dinâmica da família.

Para Mioto (1994: 64),

*“a dinâmica familiar é o movimento das relações que vão se estabelecendo no interior das famílias (...) é iniciado com a relação conjugal e se desenvolve através de outras relações (...) é construída pelas vivências individuais de processo familiar, pelo desenvolvimento de seus membros e pelos acontecimentos familiares e extra-familiares.”*

Ao lado desses determinantes internos devemos salientar a importância das experiências que a família vivencia no mundo exterior por reavivar fantasias, ansiedades e frustrações vividas em cada fase da vida.

Calil (1987) coloca que a compreensão da estrutura familiar, que se estabelece a partir da relação conjugal pode ser compreendida de acordo com dois aspectos básicos: “a comunicação” e “a organização” familiar.

A comunicação dos cônjuges ou da família está pautada em três modalidades que são, “simétrica, complementar e recíproca”, ainda de acordo com a mesma autora.

A comunicação simétrica está baseada numa relação de constantes disputas entre os cônjuges ou demais membros da família, que pode ser pela valorização excessiva das igualdades ou pela desvalorização das diferenças, que acabam por desconfirmar um dos elementos envolvidos na relação .

Na comunicação complementar o que prevalece é uma acentuada submissão por parte de um dos parceiros ou membros da família sobre o outro.

Dentro dessa abordagem, os autores consideram que a comunicação recíproca é a que permite uma relação de troca, e possivelmente dando melhores condições de realização às pessoas.

Nesse processo de interação familiar alguns modelos de comunicação disfuncional estão presentes, como a comunicação bloqueada, e a comunicação danificada.

A característica principal da comunicação bloqueada é a utilização de prolongados períodos de silêncio ou isolamentos entre seus membros, havendo nessas circunstâncias a eleição de um “bode expiatório” na manutenção desse tipo de estrutura familiar.

Na comunicação danificada o processo comunicacional está altamente comprometido, estabelecendo-se por isso o chamado duplo vínculo que



pode ser entendido em situações onde se estabelece uma coação dupla, entrave, impasse, controle ou nó. A pessoa nessa situação é punida ao discriminar corretamente a mensagem e punida também caso discrimine incorretamente. Esse tipo de comunicação tende a formar indivíduos com sérios problemas relacionais, por estarem inseridos num contexto onde as relações são ameaçadoras, confusas e imobilizantes.(Calil 1987).

Além da comunicação, a organização familiar é outro aspecto importante para a sua compreensão. Tal compreensão se dá dentro de uma perspectiva de globalidade, onde “o grupo familiar é visto como um todo através do qual seus membros ou subsistemas se encontram dinamicamente articulados e em interação com os outros sistemas”. Mito (1989).

Assim, vamos encontrar famílias onde a organização se dá com bases integrativas, e outras onde, ao contrário, a característica do grupo familiar é extremamente aberta nas suas fronteiras onde seus membros sentem-se expelidos, devendo satisfazer suas vontades fora do lar, são as chamadas famílias centrífugas.

Outro aspecto a ser destacado dentro da dinâmica familiar refere-se ao que os autores chamam de triangulação. A chamada triangulação acontece tanto no relacionamento conjugal, que pode ser a entrada de um elemento extra-familiar no conflito familiar, como uma aventura amorosa (adultério), assim como o envolvimento de um ou mais filhos nesse conflito, resultando muitas vezes

vezes numa disfunção por parte de um desses filhos. Na verdade, as situações de triangulação servem como mecanismo de distração do ponto verdadeiro do conflito que tende a ser negado de forma inconsciente pelo casal, que ilusoriamente adia o enfrentamento e desfecho da situação.

Diante dessas situações, a mesma autora, cita algumas formas específicas estabelecidas na relação entre pais e filhos, situações em que a criança é “superprotegida”, tornando-se o receptáculo de proteção, cuidados e preocupação excessivas, os pais unem-se para cuidar do filho.

Geralmente, esse envolvimento torna-se semelhante ao do cônjuge, em que o nível de dependência é muito alto e o de reciprocidade e autonomia é baixíssimo.

De acordo com Mioto (1994: 133)

*“pode-se dizer que nessas famílias há o aprisionamento dos filhos no conflito conjugal. Mais especificamente, nos termos de Green (1981), ocorre a triangulação da criança através de uma coalizão cross-geracional rígida. Esta implica na instalação de uma aliança rígida entre os cônjuges e a criança, contra o outro, e o resultado é que esse outro fica excluído da relação. Tal situação pode levar a distanciamento cada vez maior do outro ou gerar uma competição deste com a criança. Ocorre uma inversão de papéis.”*

Concluindo, é possível dizer que a família, enquanto a mais antiga instituição social, tem como objetivo fazer frente às necessidades básicas de seus

membros, tanto nos aspectos físicos como nos cognitivos e emocionais. Isso somente ocorrerá se o casal, na sua dinâmica, vivenciar um relacionamento pautado na reciprocidade e complementariedade, condições essas necessárias para o crescimento, evolução, superação, transformação e enfrentamento das futuras ou renovadas etapas do relacionamento familiar.

Cada membro desempenha dentro do grupo familiar tarefas específicas. Aos cônjuges cabe a tarefa de decidir juntos questões como tomar decisões, preencher necessidades de interdependência e inclusive as de ordem sexual. Igualmente com relação aos filhos, através de um relacionamento individual com cada um, ensinando-lhes cuidados físicos e relações familiares, como: desenvolvimento de amor, respeito à individualidade, solidariedade, desenvolvimento das características psicológicas de cada sexo e reflexões sobre sentimentos de inveja e ciúme. Inclui-se ainda ensinamentos quanto a atividades recreativas, desenvolvimento profissional e como consolidar uma nova família.

Considerando os aspectos abordados sobre a relação conjugal e a dinâmica familiar, vimos que os casais ao apresentarem dificuldade tanto em lidar com seus conflitos, quanto em estabelecer uma relação de reciprocidade, optam pela separação. Assim determinada, entendemos que a mesma não pode ser vista somente sob a visão rígida das diversas disciplinas. Sobretudo, a separação deve ser trabalhada como uma realidade social dentro de uma visão mais ampla e interdisciplinar, tendo em vista que ao lado dessa questão coexiste

o comprometimento não só do casal, mas acima de tudo da família como um todo.

## **5 A Separação Conjugal**

A separação percorre o mesmo caminho da eleição do objeto amoroso. É um processo dinâmico e evolutivo que se inicia com o próprio casamento, cujos determinantes deverão ser considerados de acordo com as particularidades de cada situação, estando presentes a desidealização ou seja, a quebra do contrato secreto do casamento. Com isso o casal inicia um progressivo distanciamento, impossibilitando a construção de projetos comuns de vivência.

A separação conjugal é considerada pela maioria dos autores (Taube, 1992; Katz & Costa, 1992; Lamanno, 1993; Porchat, 1992; D’Incao, 1992; Muszkat, 1992), como sendo uma das experiências marcadamente traumatizantes do campo emocional e afetivo, da qual dificilmente saímos impunes. É comparada à morte de pessoas significativas, principalmente a de um filho, do cônjuge ou dos pais.

Esses autores entendem que a separação é usada como uma estratégia para livrar-se da armadilha que foi armada desde o primeiro encontro. Todo o processo de separação é desencadeado pela inquietação gerada pela falta

de equilíbrio entre sentimento e mundo, sonho e realidade. Revela um casamento e um parceiro insatisfatório.

Nessas situações está presente reclamações, acusações, ou seja, são os produtos e efeitos colaterais de uma relação dominada pela repetição e pela atuação, cujo processo encurrala os casais, que vão buscar na separação uma saída sutil, um retorno ao habitual, uma transformação, mas que não invoque o passado, pois isso significaria perder a ilusão inicial.

A dinâmica que o casal estabelece nessas circunstâncias converge no sentido de desconfirmação e desvalorização do outro. Assim, aos olhos de cada parceiro, será sempre o outro o responsável pelo que não deu certo, visto que não aconteceu tanto o esperado quanto o prometido. Tudo resume-se em expectativas, e o casal age de forma diríamos paralisante, na espera de que por um simples querer as mesmas venham se concretizar. Não se dão conta de que nada fazem, ao contrário, suas atitudes, gestos e comportamento apenas confirmam a cada dia, não só o quanto estão despreparados para o casamento como nada fazem para colaborar para que o mesmo encontre possibilidades de acontecer.

Porém, independente de ser ou não a mais significativa em termos de grau, perdas e traumas, a separação abre um espaço ou cria um vazio difícil de suportar, alguns jamais se recuperam.

Nesse sentido é importante entender que a dinâmica da conjugalidade é constituída por contradições e paradoxos, nenhuma relação a dois é precisa, lógica. Isso porque determinados indivíduos estão desconectados de suas emoções e podem ter perdido a capacidade de entrar em contato com elas. Lamanno (1993:46) analisa que essas situações podem ser entendidas como,

*“ É uma condição emocional que se revela na inabilidade do indivíduo para nomear, reconhecer, conter e operacionalizar seus próprios estados afetivos e os dos outros. (...) Como consequência, o indivíduo fica incapacitado de experimentar prazer, pois o mundo afetivo é constante e violentamente destruído”.*

A relação assim estabelecida, de acordo com a autora, alivia a dor, mas não garante o sucesso absoluto, pois os cônjuges deparam-se cedo com a impossibilidade de uma existência pacífica, gerando brigas e a anulação de cada parceiro, além da incapacidade de discriminação entre o falso e o verdadeiro

A soma de perdas decorrentes da separação mostra-se mais significativa porque ela não atinge apenas a parte afetiva e emocional. Além desses fatores essenciais, chocam-se outras implicações, principalmente as de ordem econômica, social, ética e moral, ainda que variem em qualidade e intensidade. Na separação perdemos “amigos, filhos, estilos de vida, posição

sócio-econômica e também auto-estima e significado de vida”. Porchat ( 1994: 103).

A separação que finda um relacionamento conjugal, independente das causas, de quem deixa ou é deixado, mostra que ambos vivenciarão sentimentos de “perdas, vazios, ódios, tristeza, medo, solidão, sensação de abandono, sentimento de fracasso, desorientação, quadros de estresse emocional e físico, podendo constituir a vida psíquica dessas pessoas por longo tempo”.

Como foi referido, a separação, vem revestida das expectativas depositadas por ocasião do casamento. Vimos que a separação não só altera o quadro psico-emocional, mas sobretudo a posição sócio-econômica, onde a mulher, na maioria dos casos é a mais atingida, seja porque não tem renda própria e/ou por ser, geralmente, a responsável pela guarda dos filhos.

A separação tem representações diferentes para o marido e para a mulher. Representações essas explicadas, como vimos, pelos fatores sócio-culturais da sociedade contemporânea, que reveste a mulher como “a rainha do lar”, que portanto não poderá negar seu papel e sua função decorrentes da maternidade.

Não estamos com isso negando as repercussões da separação sobre o marido, salientamos apenas que a separação na maioria dos casos tende a sobrecarregar a mulher, tanto pela ausência física do marido, acúmulo de papéis e sobretudo pela alteração do quadro econômico-familiar, que é questão

fundamental. Esse é um dos argumentos (mecanismo) utilizado pelo casal para dar continuidade aos conflitos que não foram resolvidos com a separação. Com isso vemos que a separação finda o relacionamento apenas em alguns de seus aspectos, como o convívio sobre o mesmo teto e o relacionamento sexual.

Para Lamanno (1993:43:46), a separação “como produto final confere aos cônjuges a ilusão de ter encontrado um desfecho definitivo e perene para os conflitos e as angústias, afastando da percepção tanto o fantasma do desamparo quanto o da castração. Casados com a ilusão acabam tendo como única companhia o que mais temiam: a solidão”.

Quanto aos aspectos afetivos, que são determinantes no processo de separação, são reordenados pelos cônjuges, muitas vezes, através de novo parceiro. Isso ocorrerá independente da superação ou não do conflito conjugal.

No decorrer do casamento vários fatos vão contribuindo para que a separação se concretize, variando de acordo com a dinâmica estabelecida, que aparece através dos desentendimentos, discussões, acusações, proibições, ausências e traições.

Enquanto processo, tanto psíquico quanto social, a separação representa uma possibilidade de romper com um relacionamento insatisfatório. Gradativamente ocorre o processo de familiarização com o desconhecido para somente após encarar a situação de separação como algo positivo. Nessa perspectiva a separação conjugal “é decorrente de uma elaboração interior e



exterior dos fatos novos da vida, que envolvem a comunicação e interação com os demais, o contexto histórico, social e cultural, onde os sujeitos estão inseridos” (Mioto, 1989, Carraro, 1995).

Para Minuchinn (1990), o homem não é ele próprio sem suas circunstâncias. Ele é um membro ativo e reativo e o que experiencia como real depende tanto dos seus componentes externos quanto internos, os quais são determinados pelas circunstâncias e o meio em que vive.

O relacionamento, baseado nas expectativas de um parceiro com relação ao outro, contribui para o acirramento dos conflitos entre os cônjuges. Eles não se percebem como seres diferenciados nos seus desejos, necessidades e crenças. Essa realidade é observada se considerarmos os fatores determinantes da união ou seja, uma vivência permeada por decepções, reforçando que a união visa suprir necessidades e carências afetivas.

Sabemos, no entanto, que quanto maiores forem as expectativas depositadas no outro, maiores também serão as exigências. Seria possível que os casais unindo-se por uma paixão não compartilhada conseguissem estabelecer um relacionamento satisfatório?

De acordo com Ramos (1990), a separação muitas vezes acontece no início do relacionamento. Esse fator será marcadamente decisivo quanto maiores forem as expectativas com relação ao outro. Ao comprovarem que a união não trouxe o alívio esperado, aparecerão, no futuro, a raiva e a frustração.

O aparecimento de crises, conflitos ou ainda, separação, dependerá do potencial individual, do próprio vínculo e da capacidade de superar dificuldades. Gomes (1992) entende que as uniões são desfeitas pelas inúmeras exigências imputadas aos cônjuges e ao casamento.

A própria modernidade, pontuada no início deste trabalho, encerra uma valorização extrema, onde individualidade e conjugalidade vão bater-se de frente, isto é, a individualidade não se concretiza, pois é aprisionada na conjugalidade, tendo em vista que o real da vivência não está explícito no discurso ético da modernidade.

Dessa forma, Lamanno ( 1993:45) entende que os casais continuam buscando através de um relacionamento o encontro “entre o eu e o não-eu, passado e presente, fantasia e a realidade”.

## **CAPÍTULO 2**

### **CASAIS EM PROCESSO DE SEPARAÇÃO NO EMAJ**

#### **1 Introdução**

O relacionamento conjugal e a separação, enquanto fenômeno determinante nas relações entre parceiros por si só, caracterizam uma diversidade de implicações e situações. Compreender a complexidade dessas situações e suas implicações na dinâmica e estrutura do casal foi a proposta apresentada no início de nosso trabalho.

De acordo com os objetivos a que se propõe nosso estudo, abordaremos neste capítulo a metodologia de estudo de caso e a descrição dos casos estudados e eleitos para apresentação neste trabalho

#### **2 O Método**

O método de estudo de caso é um método de natureza qualitativa e indicado para pesquisas que tenham como objetivo o conhecimento aprofundado de determinadas situações. Nesse trabalho, a utilização desse método visa estudar a dinâmica e estrutura dos casais e suas implicações na vida familiar.

De acordo com Gil (1993:58), o método de estudo de caso é “um método que permite realizar um estudo mais profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, possibilitando amplo e detalhado conhecimento sobre o objeto em estudo”. Na mesma direção, Chizzotti (1991:102), considera o estudo de caso “um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação”.

O método de estudo de caso originou-se nos Estados Unidos, com C. C. Laugdell, no ensino jurídico. Ele permite a reconstrução da história de vida do indivíduo. Pode ser utilizado igualmente em trabalhos junto a indivíduos, grupos e comunidades por ser um método também didático e ao mesmo tempo possibilitar a pesquisa. Sua vantagem se deve por ser uma técnica flexível, no que se refere a termos mais complexos tanto na construção de hipóteses ou como formulador do problema. Permite fazer novas descobertas, dando sempre ênfase a totalidade das situações de forma, se necessário, mais simplificada.

Pode-se dizer que, uma das dificuldades do método é não poder-se generalizar os resultados, isto é, significa dizer que cada caso é um caso, portanto sempre terá peculiaridades e diferenças ao que deveremos estar atentos.

Dada a natureza do nosso estudo, é um método apropriado, tendo em vista que através do mesmo, de acordo com Chizzotti (1991) pode-se não só pontuar e observar como “apresentar os múltiplos aspectos que envolvem um

problema, mostrar sua relevância, situá-lo no contexto em que acontece e indicar as possibilidades de ação para modificá-lo”.

Para realização dos estudos utilizamos como instrumento as entrevistas não estruturadas, individuais e conjuntas.

De acordo com Mioto (1994:25),

*“a entrevista conjunta possibilita a observação e o estudo direto das transações familiares concretas” e quando realizada com a presença da família ou pessoas significativas, as entrevistas possibilitam compreender a dinâmica e a estrutura familiar. Busca identificar a natureza e as fontes das dificuldades familiares. Para tanto, as transações dos membros da família entre si e com o entrevistador constituem dados significativos para tal compreensão”.*

### **3 Estudo de Caso**

#### **3.1 Critérios de Escolha dos Sujeitos da Pesquisa**

Dentre os estudos de casos realizados no EMAJ com casais em processo de separação, durante o meu período de estágio, realizarei neste trabalho um estudo aprofundado de dois deles.

A escolha dos casos pautou-se em dois critérios básicos. Primeiro foi pela possibilidade de acompanhamento mais prolongado e pela disponibilidade e aceitação do trabalho por parte dos casais. E, segundo, pelas

finalizações diferenciadas de cada caso. Um casal optou pela separação e o outro desistiu da separação.

Com os casais escolhidos, foram realizadas uma média de cinco entrevistas com duração de 50 a 90 minutos.

A primeira entrevista era realizada individualmente com a pessoa solicitante, pois dificilmente é o casal que procura os serviços. Após a primeira entrevista solicitávamos a presença da outra parte em questão, quando então acontecia a entrevista com o casal. No nosso estudo verificamos que mais de oitenta por cento dos atendimentos eram solicitados pelas mulheres.

A realização das entrevistas com o casal era o momento onde podíamos não só observar os fatores determinante do conflito como também observar a dinâmica estabelecida pelo casal no seu relacionamento.

A descrição das entrevistas eram realizadas de memória após a finalização, onde procurávamos maior fidelidade possível ao que os casais relatavam, aos fatos que revelavam as informações sobre situação vivenciada pela família e pelo casal.

O estudo será composto por dois casos:

### *Casal 1*

	Companheira	Companheiro
Nome	C.N.	A.J.
Idade	29	26

Profissão	doméstica	vigia noturno
Tempo de União	6 anos	
Número de Filho(s)	1	

Com o casal 1 (CN e AJ), tive a possibilidade de acompanhar o caso por um período de (4 meses). Realizamos cinco entrevistas individuais, (uma entrevista com o Sr. AJ) e (três entrevistas com a Sra. CN) e (uma entrevista com o casal e a presença da filha da Sra. CN.)

Observamos no transcorrer desse período que a Sra. CN mostrava-se indecisa quanto a separação, apesar da solicitação ter partido dela, diferentemente de seu companheiro AJ que não tinha dúvida, queria a separação.

### *Casal 2*

	Companheira	Companheiro
Nome	J.B.	V.N.
Idade	29	33
Profissão	do lar	fretista
Tempo de União	12 anos	
Número de Filho(s)	2 (gêmeas)	

Com o Casal 2, (JB e VN), o tempo de acompanhamento foi menor (1 mês), pela forte e irredutível decisão da solicitante quanto a separação. Ao contrário do primeiro casal, nesse caso, era o Sr. VN que não aceitava separar-se. Foi realizada nesse caso uma entrevista individual com a

Sra. JB, e duas entrevistas com a presença do casal. Após, o caso foi encaminhado para os procedimentos legais do processo de separação com o Direito.

A descrição dos casos será realizada obedecendo aos seguintes itens:

- *solicitação*
- *o início da relação*
- *dinâmica estabelecida no relacionamento*
- *os filhos na dinâmica do casal*
- *a relação do casal com as famílias de origem*
- *a vida social do casal*

Com essas definições, passaremos ao relato dos dois casos escolhidos para o presente estudo, colocando em anexo, a título de ilustração, alguns relatórios de entrevistas com os casais. Anexo 1 (Casal 1, Sra. CN e Sr. AJ) e Anexo 2 (Casal 2, Sra. JB e Sr. VN).



## 4 Casal 1 (C.N. e A.J.)

### 4.1 Solicitação

A Sra. CN, procurou o EMAJ, após decidir-se pela separação. Não tendo outro local para morar a não ser a casa que construíram, queria esclarecimentos sobre a divisão da mesma. Isto porque embora o SR. AJ, aceitasse a separação, ele não queria desfazer-se do referido imóvel. Alegava que a casa era de excelente qualidade (130m<sup>2</sup>, alvenaria), mas sua localização e acesso a desvalorizava. Por isso vender a casa para dar metade do dinheiro a companheira seria um mau negócio. O Sr. AJ assim relata essa situação,

*“se queres que gente venda a casa não tem problema (...) só que a casa vale uma grana, mas ninguém paga o que realmente vale porque não tem rua, e se a gente vender eu jamais poderei construir outra igual (...)”*

Diante dessas circunstâncias ela decidiu buscar auxílio.

O caso chegou até nós por solicitação do Direito visto que a Sra. CN, encontrava-se extremamente ansiosa , chorava muito.

## 4.2 O Início da Relação

A Sra. CN, antes de conhecer o atual companheiro, namorou durante 8 meses um rapaz de quem engravidou, em seguida foi abandonada. O namorado alegou não estar preparado para ser pai. Ela deu a luz a uma menina, que hoje está com 6 anos, tempo de duração do relacionamento do casal em pauta. A Sra. CN relata que o pai de AC (filha), não mostrou interesse em conhecer a menina quando ela nasceu, fato que a magoou bastante, pois ela não lhe exigiu nada. Apenas esperava que ele quisesse conhecer a filha.

Essa era a situação ao se conhecerem, quando o Sr. AJ foi até a residência de CN comprar um terreno que a mãe colocará à venda. Neste terreno foi construída a casa do casal.

O Sr. AJ por sua vez estava divorciado a dois meses da primeira mulher, cujo relacionamento teve duração de exatamente dois anos. O rompimento da relação, segundo o Sr. AJ foi devido a incompatibilidade, mas a Sra. CN, relatou que soube através de amigos, que o verdadeiro motivo da separação foi infidelidade por parte da esposa. O primeiro casamento do Sr. AJ, aconteceu logo após a separação de seus pais, depois de trinta e cinco anos de união. Esse fato, de acordo com a entrevista, foi extremamente difícil para o Sr. AJ aceitar, principalmente porque sua mãe sofrera muito nesse período. Após a separação dos pais, o Sr. AJ afastou-se da família por um longo tempo.

De acordo com o relato, o Sr. AJ apaixonou-se no primeiro momento por CN. A partir desse dia tudo fez para convencer CN a viver com ele. Dizia não se importar com seu passado e que assumiria sua filha. Ela mostrava-se reticente pois acabará de sair de uma experiência, segundo ela traumatizante e inesquecível. Ele, no entanto, não desistiu até finalmente ela consentir quando então eram decorridos mais ou menos 2 meses. Não houve noivado nem casamento oficial, apenas a decisão de viverem juntos.

*“O J não queria saber de nada, de início foi me pressionando para vivermos juntos, disse assumir a AC (filha)”.*

*“Posso dizer sinceramente que eu estava ainda muito confusa (...) tanta coisa tinha acontecido na minha vida que eu já não conseguia raciocinar direito (...) mas o J foi tão convincente, me pressionou tanto, parecia tão sincero que decidi tentar e fazer o que ele tanto queria”.*

#### **4.3 A Dinâmica Estabelecida no Relacionamento**

A Sra. C.N relatou que após assumida a decisão de viverem juntos, permaneceram por algum tempo na casa de sua mãe. A pedido do Sr. A.J., mudaram-se, pois, entendia que havia muita interferência da família da Sra. C.N., no relacionamento. Passaram a morar em uma casa de precárias condições.

Do mesmo modo como o Sr. AJ agiu à interferência da família no relacionamento, o Sr. AJ, o fez com relação ao trabalho de C.N.

*“Quando nos conhecemos eu trabalhava como balconista numa padaria, mas ele me fez desistir de trabalhar, prometendo que me daria tudo o que fosse necessário tanto para mim quanto para minha filha... e olha no que deu, hoje sou humilhada por ter acreditado nele. (...)”*

Mesmo contrariada, ela desistiu sob a promessa de que ele cobriria suas necessidades, com seu salário. Ele aceitou dizendo que daria até mais do que ela estava ganhando, que era um salário mínimo.

A Sra. CN, no entanto, diz que essa atitude de seu companheiro era devido ao extremo ciúme que permeou todo o início do relacionamento, sendo igualmente admitido por ele. Essa situação de ciúmes, iniciou quando o Sr. AJ insistiu em conhecer detalhes da relação dela com o ex-namorado. Mesmo ela negando-se a falar no assunto, que para ela era passado ele foi buscar as informações com amigas e amigos dela. Ele mesmo diz, que de posse desse conhecimento sobre a relação da companheira com o ex-namorado não sabia mais como agir e nem o que pensar.

*“no início era porque eu sentia muito ciúmes dela. Procurei de todas as formas saber o passado dela e quando finalmente consegui não sabia mais como agir, simplesmente não conseguia mais desligar, virou uma obsessão(...)”*

Ele relata que após isso começou a sair freqüentemente de casa, retornando embriagado, caso ela reclamasse era agredida por ele. As agressões

terminaram quando ela decidiu pedir ajuda ao sogro. Ele (sogro), após conhecer o comportamento do filho, afastou-se, deixando inclusive de ajudar na construção da casa, o que até então vinha fazendo.

Esse fato somente veio piorar a relação entre eles. Não havia mais agressões, mas com o argumento de que precisavam economizar para construir a casa negava-se a cobrir qualquer despesa extra, inclusive com mercado e farmácia, da Sra. CN e sua filha. Ela diz que tudo passou a ser cobrado por ele, dizia-lhe que ela precisava inclusive pagar a energia elétrica e a água do banho.

*“Para mim é inadmissível conviver no mesmo teto com uma pessoa que não te considera, (...) o que pesa nisso tudo é que o J, cobra desde a água do banho até o grão de arroz que minha filha deixa cair do prato(...)”*

Outro fator de ciúmes existente no relacionamento, colocado por CN, era a experiência de seu companheiro com relação ao primeiro casamento. Ela relata que ele nunca tocara no assunto, mas que ficara sabendo pelos amigos dele que a primeira separação ocorrera por infidelidade da esposa, tendo sido comprovada por ele. Ele gostava realmente da primeira mulher. Não acreditou quando os amigos o alertaram, mas resolveu verificar e acabou por flagrá-la com outro homem, enquanto pensava que ele estivesse no trabalho.

#### 4.4 O Relacionamento Sexual

Quanto ao relacionamento sexual, ela considera que a mudança e os conflitos do relacionamento interferiram muito. Antes disso era melhor, mas agora tudo havia mudado, já não conseguia relaxar nos momentos de intimidade pois vinha-lhe à mente tudo o que de ruim ele fazia com ela. Diz não entender como ele conseguia procurá-la depois de brigarem.

*“ inclusive o meu relacionamento íntimo com o J para mim ficou diferente, eu simplesmente não consigo relaxar, na hora que ele está ali comigo tudo aquilo de ruim que acontece entre nós dois me vem a mente, lembro de quanto ele é egoísta e individualista e aí estraga tudo, com ele sinto que é diferente, parece que tudo é mecanicamente, só pensa no lado material e não no afetivo.”*

Ele, por outro lado, relata que apesar de tudo considerava que era muito bom o relacionamento sexual entre eles, admitia ela foi a pessoa com quem melhor havia se relacionado nesse aspecto. O Sr. AJ, colocou dessa forma a vivência sexual com sua companheira,

*“Eu até gosto da C, reconheço que ela tem muitas qualidades. Foi a mulher com quem consegui ter o melhor entrosamento sexual, mas nosso passado foi muito desgastante, muitas seqüelas ficaram e é impossível apagar e recomeçar do zero.”*

#### 4.5 Os Filhos na Dinâmica do Casal

A Sra. CN, no transcorrer das entrevistas manifesta sua preocupação em relação ao convívio, significado e consideração de seu companheiro para com a filha.

Segundo ela, foi bastante significativa a mudança no tratamento do Sr. AJ para com a filha AC. No início, ele inclusive ajudava a trocar as fraldas da menina. Mas no decorrer do relacionamento, principalmente após o período onde buscou conhecer detalhadamente o caso com o ex-namorado dela, passou a ignorar AN. As poucas vezes em que ele importava-se com a menina era quando estavam brigados. O Sr. AJ, para reaproximar-se de CN, não só tratava mais delicadamente sua filha, como também a presenteava.

O Sr. AJ, no início nada mencionou sobre a filha de sua companheira. Somente falou a partir do momento em que perguntamos diretamente a ele qual era o sentimento dele para com a menina. Primeiramente ele diz não querer falar sobre o assunto. Insistimos saber o porquê. Ele justifica dizendo que ele não é o pai da menina e portanto acha que a educação dela é de inteira responsabilidade da mãe. No entanto manifesta-se contrário a forma como a Sra. CN conduz a educação de sua filha, afirmando que é muito diferente da forma como sua mãe o educou. Para ele, faltava mais rigidez na educação da menina. Não gostava de falar sobre isso com CN porque acabavam sempre

brigando por esse motivo. Após insistirmos, o Sr. AJ colocou dessa forma seu entendimento quanto a enteada,

*“Eu não gostaria de falar sobre ela, acho que a responsabilidade é da mãe dela, e ela faz o que quer, apesar de eu não concordar com a maneira como a C a educa (...) é muito diferente da forma de educação que recebi em casa, mas eu gosto da menina, nada tem a ver com ela(...)”*

A Sra. CN relata inclusive que tanto a família dele quanto a dela chegaram a comentar e repudiar a forma como o Sr. AJ trata a menina. Ele é muito exigente com ela, diz que ele reclama até quando, sem querer, ela deixa cair o alimento do prato. Ele no entanto diz gostar da menina. Não considera que a maltrata. Quanto a isso, ouvimos da própria filha da Sra. CN a manifestação de carinho para com o Sr. AJ. Nessa ocasião a menina fez um desenho onde ela passeava com o pai e as suas amiguinhas e a mãe ficava cuidando da casa. A Sra. CN confirma que a filha gosta muito do Sr. AJ, o fato é que ele não corresponde a esse sentimento. E esse fato, ela relata, é motivo de muitas brigas e acusações entre eles.

No decorrer das entrevistas a Sra. CN insiste nessa percepção quanto ao trato de seu companheiro em relação à sua filha,

*“(...) no início o J era o pai perfeito, ajudava até a trocar as fraldas da AC (...) mas com o passar do tempo as coisa foram mudando radicalmente, (...) ele passou a não mais se importar com a AC, e quando ela ficou maiorzinha ele começou a exigir demais dela, tudo o que fazia de errado era*



*xingada (...) e isso me magoa demais, afinal, ele sempre soube que não era o pai...”*

#### **4.6 O Contato do Casal com a Família de Origem**

No transcorrer das entrevistas pouco foi comentado a respeito do convívio do casal com cada família. Ele pontuou principalmente, a interferência da família dela no relacionamento deles. Alegava isso dizendo que sua companheira costumava levar ao conhecimento da mãe tudo o que acontecia entre eles.

*“outra coisa que interfere muito é o fato de C ser muito ligada na família dela, tudo o que acontece com a gente eles logo ficam sabendo, ela não consegue separar as coisas.”*

Ela dizia que se isso acontecia era porque não tinha ninguém para conversar. Recorria à mãe por ser uma pessoa de sua inteira confiança. A Sra. CN relatou que tinha bom relacionamento com a família de seu companheiro, principalmente com a cunhada, o sogro e a companheira dele. Segundo ela, a família comentava que não entendia porque ele (Sr. AJ) a maltratava tanto. Não tinham o costume de juntos visitarem as famílias. Somente ela freqüentava a casa da mãe.

A Sra. CN relata que, quando estavam construindo a casa, o sogro ajudava o filho na construção da casa, mas devido a um incidente, ele não só se afastou do filho como também deixou de ajudá-lo. Assim ela relatou o fato,

*“(...) passado uns oito meses, o J começou a chegar tarde em casa e bêbado, caso eu reclamasse ele costumava me agredir fisicamente, eu me calava de vergonha da minha família, mas chegou um ponto que eu não pude mais suportar, e como a família dele achava ele muito bonzinho fui obrigada a desmascará-lo (...) Foi numa época em que estávamos construindo nossa casa e o pai dele ajudava na construção, um dia ele foi nos visitar e o J não estava em casa. Já era tarde, pedi para que meu sogro esperasse até ele chegar. O J no entanto somente chegou passando da uma hora da manhã super bêbado. O pai dele vendo isso foi embora sem se despedir e nunca mais ajudou em nada. Só que essa situação acabou afastando ainda mais nós dois (...)”*

#### **4.7 A Vida Social do Casal**

De acordo com a Sra. CN, o casal não tem praticamente nenhum convívio social. Nem com a família, vizinhos ou na comunidade. Ela até queixou-se disso,

*“Eu sempre cobro do J prá gente sair, ir na Associação nos domingos a tarde, na danceteria, eu sempre gostei (...) antes de viver com ele eu freqüentava, mas agora(...)”*

Ele no entanto não gosta e por isso costumam ficar muito em casa. Quando era solteiro e no início do relação ele até gostava de sair e se divertir. Mas faltava dinheiro. Depois disso o trabalho de azulegista consumia todo seu tempo, e ele não se importava porque seu objetivo era construir a casa.

Diz que atualmente gosta de jogar bola e tomar cerveja com amigos. Fato esse contestado por ela, pois acha que para os amigos ele tem tempo, mas para ela não.

Ela inclusive mencionou que admirava o costume de muitos amigos deles reunirem-se aos domingos e fazerem churrasco. Mas eles não tinham esse costume por ele não gostar e por isso nunca o fizeram. Para ela, esses contatos com amigos e a família era importante, sentia falta desses momentos.

O Sr. A.J., ao ouvir a reclamação quanto a esse fato, alegou que se isso não acontecia era porque eles viviam mais brigados do que de bem. Ele, assim se coloca com relação as queixas de sua companheira quanto a diversão,

*“Mas agora dona C, a vida está muito difícil. prá se divertir a gente precisa de grana. Você tem? Eu não tenho. Imagine, a nossa vida já é um inferno só entre nós dois... isso já é ruim, imagine chamar os vizinhos para tomar parte disso?”*

## 5 Casal 2 (JB e VN)

### 5.1 Solicitação

A Sra. JB veio até o EMAJ solicitar separação, após ser agredida pela terceira vez por seu companheiro VN. O caso, após ter passado pela triagem, nos foi encaminhado. O desajuste conjugal assim é por ela relatado:

*“Sabe o que, ele me bateu, e eu não aceito. É a terceira vez que isso acontece. Há discussão constante. Ele vive dizendo que eu tenho outro.”*

A Sra. JB (requerente) é proveniente de uma família de dois filhos. Ela, e um filho homem mais moço, casado e pai de um filho.

O Sr. VN (companheiro) tem um irmão e uma irmã. A mãe é viúva e aposentada.

No momento, o casal estava residindo na casa dos pais da Sra. JB. Estavam terminando a construção de uma casa para onde pretendiam morar assim que estivesse pronta. Com o desfecho da situação atual do casal, essa possibilidade havia mudado. Quando da entrevista com o Sr. VN coloca assim a situação:

*“É, a J está criando caso, só que é ela que está querendo separar, eu não quero e não vou me separar, e aí... como fica... quem vai me obrigar...”*

Somente na última entrevista o Sr. VN confirma a queixa de sua companheira,

*“(...) caí na besteira de bater nessa mulher, dentro da casa dos pais dela, (...)”*

## **5.2 O Início da Relação**

A Sra. JB e o Sr. VN conheceram-se há doze anos. Ela relata que no dia em que conheceu o Sr. VN estava brigada com o namorado. Ficara com o Sr. VN apenas para fazer pirraça ao namorado. Após, decorridos três meses, decidiram viver juntos mesmo ela admitindo não estar apaixonada por ele. Segundo ela, nunca esquecera o primeiro namorado por quem realmente sentira paixão. Diz que o Sr. VN a amava e por isso resolveram se unir.

*“Eu tinha outro namorado (...) estava apaixonada por ele, daí nós brigamos, então nesse dia conheci o V (companheiro), fiquei com ele [para fazer pirraça pro outro, só que foi ficando, ficando, em três meses nós resolvemos viver juntos, só que eu nunca fui apaixonada por ele, (...)”*

Quanto ao Sr. VN, nessa ocasião, era solteiro e segundo a Sra. JB, desde o início ele dizia ser ela a única mulher da vida dele.

### 5.3 A Dinâmica do Relacionamento

No transcorrer da entrevista a Sra. JB relata que residiram durante oito anos na casa dos pais do Sr. VB. Na entrevista individual ela relata que nesses oito anos tiveram um bom relacionamento. No entanto, na entrevista realizada com o casal a Sra. JB muda sua colocação do dia anterior admitindo que o relacionamento entre eles quando residiram na casa dos pais dele era péssimo e que em algumas vezes, segundo suas palavras “voava panela prá todo lado.”

Por ocasião da gravidez o casal passou a residir com os pais da Sra. JB, que segundo ela era com quem realmente podia contar, já que seu companheiro não tomava iniciativa de construir. Seus pais sempre foram muito unidos.

A Sra. JB considera que seu companheiro sempre foi ausente e desinteressado, relatando que:

*“Ele nunca sentiu obrigação de nada(...).”*

No decorrer do relato reafirma que o relacionamento nunca foi bom. Várias vezes ele a agredira fisicamente. Para ela, é inadmissível aceitar essa situação:

*“(...) não aceito o rumo que agora minha vida tomou, cheia de violência, apanhar na cara, de um homem, do meu marido, isso não existe, (...)”*

Na primeira vez que isso aconteceu ela continuou convivendo com ele porque ele prometera que jamais isso voltaria a acontecer. Segundo ela, seu companheiro pedira perdão de joelhos. Ela então resolvera dar-lhe uma chance. O fato tornou a repetir-se, e a terceira agressão ocorreu na semana passada. Tinha pois certeza de que ele jamais mudaria. Voltaria a repetir as agressões enquanto ela aceitasse conviver com ele. Como ela tinha amor a vida e respeito pela sua família iria pôr fim à situação instaurada, separando-se dele.

Ao procurarmos saber os motivos que desencadeavam as agressões a Sra. JB relata que o Sr. VN era muito ciumento. Acusava-a de ter “outro”.

A última discussão, aconteceu quando ele a convidou para ir a um baile. Ela disse que não estava com vontade e que ele poderia ir sozinho. Ele foi. Saiu na sexta à noite e só retornou na segunda-feira quando recomeçou por insistência dele, visto que ela ignorou-o completamente. Pela violência da briga, seus pais acordaram e vieram verificar o que estava acontecendo. Ele então retirou-se e foi para a casa de sua mãe.

Segundo o Sr. VN ela sabia onde ele se encontrava. No entanto fazia-se de desentendida, já que o único lugar freqüentado por ele era a casa da mãe. e se ele demorou a voltar era porque o clima entre eles estava muito ruim e quanto mais ele demorasse a voltar mais tempo de paz teriam.

Outro fato mencionado pela Sra. JB e que ela desaprovava era quanto a profissão de seu companheiro. Ela assim relata a profissão exercida por ele,

*“ (...) eu não aprovo muitas coisas nele, inclusive a profissão dele (...)”*

*“Ele trabalha de frete, tem uma Kombi, e também anima festas e bailes com som mecânico(...)”*

*“É, pra mim isso é profissão de malandro (...) passa o dia dormindo naquela Kombi (...), não é um normal, um dia dá, outro não (...)”*

Depois do nascimento das filhas ela passou a cobrar a construção de uma casa o que segundo ela estava ocorrendo num ritmo muito lento e desinteressado. Ele alegava que era falta de dinheiro. Ela não acreditava. Dizia que não sabia o que ele realmente fazia com o dinheiro que ganhava, “simplesmente o dinheiro sumia”.

O Sr. VN relata que a maioria dos desentendimentos entre eles se deve ao fato de a Sra. JB ser “teimosa, ignorante e primitiva”. Refere-se a isso porque ela falou as crianças que ele tinha morrido naqueles três dias que ficara na casa de sua mãe. E também pelo fato de ela não aceitar sua proposta de reconciliação.

A proposta de reconciliação do Sr. VN incluía o término da casa que há muito tempo estava por terminar. Faltava a instalação da água e energia



elétrica. Ele se propunha a fazer isso no prazo máximo de quinze dias e então teriam condições de se mudarem para a casa.

*“Eu já pedi desculpa, e propus que em quinze dias instalo luz e água na nossa casa e a gente vai viver lá, eu ela e as crianças, tenho certeza que as coisas serão diferentes, tudo vai mudar.”*

Ela não aceitava dessa forma. Queria que ele passasse o imóvel para o nome das filhas onde então ela passaria a residir com as meninas. Ele, por sua vez dizia que faria o que ela propunha, desde que ele também morasse na casa com ela e as filhas. Ele não tinha dúvidas de que o relacionamento melhoraria se passassem a residir na casa deles. Para ela essa decisão vinha tarde demais. Pois se ele não o fez em doze anos não seria agora que as coisas iriam ser diferentes, segundo o entendimento dela. Ele, no entanto, apostava nessa possibilidade pedindo mais uma chance a ela.

Eles permaneceram nesse impasse até a última entrevista. Diante da irreduzibilidade da Sra. JB. ele aceitou passar a casa para o nome das filhas. Ele iria morar com sua mãe. A Sra. JB nada via de errado na situação já que ele vivia muito mais lá do que com ela.

## **5.4 O Relacionamento Sexual**

No transcorrer da entrevista a Sra. JB relata que todos dormiam juntos numa cama que seu pai mandou fazer quando as gêmeas nasceram. A Sra. JB encostou uma cama de solteiro ao lado dessa cama grande para o Sr. VN dormir. Segundo ela, seu companheiro nunca reclamou porque ele gostava muito das meninas. O relacionamento sexual entre eles acontecia após as meninas dormirem.

A Sra. JB também relata que o relacionamento sexual entre eles foi normal até o nascimento das filhas. A partir daí ela perdeu interesse por sexo. Nas palavras dela, “realmente não me importo, eu não sou muito ligada”. Ela mencionou que recentemente apareceram alguns caroços na virilha que a impedia de ter relações sexuais. Ele no entanto insistia, apesar de vê-la impossibilitada. Essa fato igualmente gerou muitas brigas entre eles. Ela dizia nada poder fazer já que era uma questão de doença e que ele deveria entender.

## **5.5 Os Filhos na Dinâmica do Casal**

De acordo com a Sra. JB, seu companheiro, apesar de gostar muito das filhas, pouco importava-se com elas. Segundo ela, ele nunca soube o que é ser pai, pois não se fazia presente nem para acompanhar as filhas, ou ela

mesma, até ao médico ou para comprar remédio. Nessas ocasiões geralmente era seu irmão quem assumia essa tarefa.

*“(...) você é um cara muito acomodado, não se importa comigo nem com tuas filhas (...) Pai! Você? Desde quando...? Só agora se lembra que tem filho? Pois podem ir perguntar no bairro inteiro para saber quem cuida das crianças... eu, sempre eu (...)”*

Não era somente nesse aspecto a queixa da Sra. JB. Segundo ela, ele nunca presenteava as filhas. Ela, com a ajuda dos seus pais, respondia pelas necessidades das filhas, “até carinho” diz ela. Enquanto pai, as filhas não iriam sentir sua falta, pois elas recusavam-se inclusive sair apenas acompanhadas por ele. As meninas exigiam que a mãe estivesse presente.

## **5.6 O Contato do Casal com a Família de Origem**

Ficou evidenciado, no decorrer das entrevistas, tanto com o casal como individualmente, que desde o início do relacionamento estiveram muito ligados às suas famílias de origem. Os primeiros oito anos residiram com a família do Sr. VN. Após esse período, passaram a residir com a família dela.

*“(...) eu sempre cobrei dele que construísse alguma coisa prá gente... só que ele nunca se importou com isso. Ele é muito dependente da*

*mãe, vive mais lá do que em casa (...) a mãe dele é aposentada, ela mora na Trindade, fica perto do ponto de frete, por isso ele vive lá(...)"*

*"e se as coisas estão como estão, não é por culpa dos meus pais, que são as únicas pessoas que me apoiaram, se não fosse minha família (...)"*

De acordo com a Sra. JB, seu companheiro nunca se preocupou em providenciar uma casa somente para eles, mesmo ela tendo cobrado, principalmente após a gravidez. Ele, segundo ela, age dessa forma por acomodação e principalmente porque é muito ligado à sua mãe, vive mais na casa dela do que com ela e as filhas.

O Sr. VN justifica sua permanência na casa da mãe porque não se sente à vontade na casa dos pais dela. Ele relata como sentia-se em relação à família dela dizendo que,

*"eu não tenho um espaço (...) a casa é dos pais dela e eu não tenho como me impor (...) aquilo é só deles (...) mas eu insisto em querer pelo menos por sessenta dias tentar morar na nossa casa, depois disso, eu prometo, se realmente não der certo, eu me retiro(...)"*

Para ela, ele demorou demais para se preocupar com isso, e responde nesses termos às suas propostas,

*“(...) ninguém muda da noite pro dia (...), e eu não quero mais levar porrada na cara”*

## **5.7 A Vida Social do Casal**

No decorrer das entrevistas ficou evidenciado que o casal não tinha uma vida social compartilhada. De acordo com seu relato a situação de desajuste conjugal culminou justamente frente a sua recusa em acompanhar o marido que a convidara para uma festa,

*“(...) na verdade tudo começou na sexta-feira, ele convidou-me para ir a uma festa. Só que eu não estava a fim de ir e disse que se ele quisesse, que fosse sozinho, e ele foi, só retornando na segunda-feira à noite. E com isso tudo, ainda queria brigar. (...) Fomos dormir (...) a discussão continuou, e quando chegou pelas duas horas da manhã eu não agüentei mais e fui dormir na cozinha, ele veio atrás me chamando de “vagabunda”, como eu não fiquei quieta ele me deu um soco no ouvido (...) meus pais acordaram e vieram ver o que estava acontecendo (...) ele então saiu, foi na casa dos pais dele. Estamos separado desde aquele dia.”*

Ela vivenciava um período de inteira desmotivação em vários aspectos, inclusive social. Somente ele mantinha alguma atividade social, esta devido ao seu trabalho como animador de festas. Ela negava-se a acompanhá-lo. Dizia não sentir-se estimulada. Preferia ficar na companhia das filhas e de seus pais.

Nesse momento ela estava terminando o curso primário. Pretendia após, seguir um curso técnico, de preferência na área da saúde.

*“(...) eu acho que nós nos acostumamos um com o outro, eu me acomodei...mas resolvi mudar... já comecei a estudar, quero fazer algum curso profissionalizante, cuidar das minhas filhas, (...)”*

## **CAPÍTULO 3**

# **CASAIS EM PROCESSO DE SEPARAÇÃO NO EMAJ - ANÁLISE DOS FATOS**

### **1 Introdução**

Após realizar estudo teórico e apresentar os casos escolhidos para ilustrar o presente estudo, tentaremos neste capítulo realizar a análise de alguns aspectos observados nas relações conjugais dos casais estudados. O objetivo é obter uma visão global dos casais entrevistados e identificar aspectos peculiares do processo de interação conjugal e da separação.

Inicialmente é necessário dizer que os casais fazem parte de um contexto sócio-econômico cultural que não pode ser relegado, uma vez que demarcam claramente os papéis vividos pelos cônjuges. Ou seja, a mulher é preparada para ser dependente, cuidada, protegida, resguardada dos perigos que o mundo coloca, aprendendo cedo que o homem não só sustenta e protege, como decide e organiza tanto a sua vida como a dos outros.

Esses fatores tanto podem contribuir para o encontro, como para o desencontro entre homem e mulher. Isso porque são criados e educados de forma

diferenciada, e juntos terão que palmilhar expectativas ao mesmo tempo opostas e complementares.

Essa visão idealizada ou incorporada por muitas mulheres, dentre as quais as que atendemos, acabam não só interferindo como também impedindo que elas vislumbrem outras possibilidades de se colocarem no mundo. Ficam presas à promessas e expectativas sem concretizar aquilo de que são capazes, em muitas situações até melhor que seu parceiro. De acordo com os autores Porchat (1992), situações de passividade e fragilidade introjetadas pelas mulheres revelam não só a dependência, como contribuem para confirmar a autodesvalorização em torno da figura feminina, na medida em que buscam proteção e sustento, posse e doação.

Os homens, ao contrário, educados dentro de uma perspectiva de superioridade tentam comandar a relação. Nesse contexto, muitas vezes, se utilizam da violência como forma de impor-se, tanto para controlar os aspectos emocionais quanto para legitimar poder e domínio sobre o outro, como vimos, nos casos estudados. Segundo May, apud Knabben (1995: 473)

*“A violência física é a expressão máxima da agressão e dominação do homem sobre a mulher, sustentada pela superior força muscular do mesmo.”*



Tal situação, embora já esteja muito modificada, a partir do processo de emancipação das mulheres, estas não mais aceitam submeter-se passivamente a esse tipo de mandos masculinos.

Uma convivência mais harmoniosa, o que não observamos nos casais analisados, poderá se estabelecer na medida em que cada um busque repensar atitudes e papéis voltados à sua realidade. Para isso o ideal e o imutável, enquanto condicionantes culturais, que permeiam os relacionamentos, deverão ser vistos, pensados e analisados como uma realidade difícil de ser cumprida.

Culturalmente, marido e mulher unem-se sob um único interesse e ideal. Viver felizes até que a morte os separe. Porém, ao casal é imputado uma série de direitos, obrigações e deveres. Não se dão conta de que cabe a cada um buscar conhecer-se e ao outro, para então aceitar e em muitas vezes abdicar do sonho para que a felicidade aconteça. Devem saber que alegrias e dissabores, apesar de andarem juntos, não se encontram, fazem parte do mesmo contexto.

Porém, o desempenho dos papéis dos cônjuges, não se realizam apenas através de normas, nem são ditadas somente pelas expectativas impostas ao casal. A concretização da conjugalidade está pautada também, e principalmente, nas vivências diárias de cada cônjuge e do casal, influenciados pelo meio social do qual participam, e pelas relações com as famílias de origem. São esses fatores que levam ao estabelecimento de uma dinâmica de relacionamento própria. Justamente sob esta ótica realizaremos uma breve

análise dos casais estudados e descritos no capítulo II, com base no referencial teórico discutido no capítulo I.

O estudo não pretende esgotar a temática em discussão, e sim compreender, a partir dos casais estudados, os acontecimentos, as relações, e os momentos mais significativos na relação conjugal. Dentre os muitos aspectos que poderiam ser discutidos, nos ateremos a alguns deles, como: **a escolha do parceiro; o estabelecimento da dinâmica conjugal; os filhos na dinâmica do casal; interferência da família de origem na dinâmica do casal; opção pela separação.**

## **2 A Escolha do Parceiro**

Como vimos, o processo de escolha do parceiro é o primeiro passo empreendido pelos casais para o estabelecimento da união conjugal. No processo de escolha os casais buscam, dentre outros fatores, encontrar um continente propício para satisfazer, suprir e encobrir suas carências, desilusões e necessidades afetivas vivenciadas, através do outro. (Calil, 1987; Ramos, 1990)

Nos casos estudados pudemos observar que o processo de escolha deu-se a partir do contexto pessoal apresentado pelos cônjuges, quando viviam fragilizados por situações de desilusão e abandono, tanto de ordem pessoal como familiar. Diante dessas circunstâncias os dois casais tentavam se livrar

dessas experiências dolorosas, entrando em uma nova situação. Esse mecanismo já havia sido utilizado em situação anterior. Por exemplo, o primeiro casal, onde o marido já vivenciava seu segundo relacionamento, e estava plenamente disposto a sair do mesmo e recomeçar outro.

Isso demonstra que a busca de um novo parceiro representava uma forma de livrar-se de aspectos conflitivos, que impediam a realização esperada no casamento. Ou seja, buscavam através da criação de um novo vínculo a saída do núcleo familiar, para compensar um sentimento natural de desamparo e manter o equilíbrio afetivo.

Com esse quadro, os casais optaram por estabelecer a união entre eles. As implicações dessa situação no estabelecimento da dinâmica conjugal veremos a seguir.

### **3 A Dinâmica Conjugal**

Ao contextualizarmos o início do relacionamento dos casais em pauta, vimos que o estabelecimento da união esteve pautada por expectativas idealizadas de um parceiro em relação ao outro, levados por suas carências e desilusões.

No caso específico, as expectativas iam além. Isso porque, ao unirem-se subtendiam, que cada um solucionaria os conflitos e carências afetivas

sua e do outro. Essa situação foi determinante para que os casais não encontrassem através da união, respostas para esses conflitos. Com isso, a dinâmica conjugal ficou difícil, se não impossível, por não se perceberem e se aceitarem como seres diferenciados nos seus desejos, necessidades e crenças.

Sabe-se, no entanto, que quanto maiores forem as expectativas depositadas no outro, maiores também serão as exigências. Isso leva o casal a estabelecer um relacionamento onde as regras podem ser entendidas como as de um jogo, onde ninguém é ganhador. É o que pode ser chamado, “jogo dos culpados,” cujas regras estão baseadas na acusação e desconfirmação do parceiro.

Este jogo foi observado claramente na dinâmica dos casais estudados. Os casais viveram um processo constante de acusações, onde a culpa pelo fracasso do projeto amoroso, era automaticamente impingida ao outro. Este fato repercutiu intensamente em todos os outros aspectos da vida conjugal, comprometendo-a a cada dia. Essa dinâmica está relacionada à incapacidade dos cônjuges em renunciar ao estado de apaixonamento inicial, ou seja, não conseguem vivenciar uma relação pautada em fatos reais. Sobre isso Lamanno (1993:43) coloca,

*“o núcleo de vivência mútua organiza o encontro em torno da ilusão e define suas rotas para um destino último, que é o estado representado pelo desejo manifestado de negar onipotentemente o desamparo e evitar o reconhecimento do conflito*

*(...) esse estado termina em desilusão, quando o outro volta a ter existência própria.”*

Nessas situações os parceiros se sentiam perseguidos e ameaçados no desenrolar do relacionamento, não percebendo os aspectos positivos de cada um, como também do próprio casamento. Nesses casos os cônjuges não conseguiram lidar com seus conflitos submersos e nem confirmar experiências positivas.

A idealização dos parceiros foi um segundo aspecto observado nos dois casais que comprometeu substancialmente a dinâmica conjugal, fazendo-os viverem expectativas que tinha efeito paralisador.

Lamanno(1993), coloca que o relacionamento, ancorado num mar de expectativas, só terá significado quando suprimir o sentimento de desamparo. No entanto não se mostra possível, pois geralmente o casal, nessas circunstâncias acaba sendo vítima de suas próprias necessidades. Isso os impede de perceber que parceiro não tem o poder, apesar de assim pretender, de satisfazer os desejos idealizados e ao mesmo tempo preencher o vazio existencial, do qual sentem-se vítimas impotentes.

O que foi idealizado pelos casais apresenta-se novamente nessas circunstâncias, não só como desagregador da união, como também desconfirmador do outro. O parceiro, enquanto objeto de desejo aos olhos do outro, não existe como ser individualizado. Nesses casos há a utilização do

mecanismo da projeção Calil (1987) que leva a desconfirmar o outro. Na prática, um dos parceiros é visto como plenamente habilitado e capaz, e o outro, por sua vez, é o que apresenta problemas, o desajustado e incompetente.

Os casais estudados, além das idealizações, tiveram a comunicação baseada na rejeição e na negação do outro. Com o tempo a tolerância foi diminuindo e a violência, muitas vezes passou a ser utilizada como mecanismo de imposição e “controle sobre o outro.” Esse foi outro fator determinante da separação, principalmente com o casal 2, onde a esposa entendia o uso da violência como um ato não só humilhante como inaceitável, tendo em conta que isso jamais ocorrera na sua família de origem. E pela frequência desse ato, a mesma entendia que somente a separação daria ponto final à situação.

Nesse sentido, vimos que uma das conseqüências do uso da violência, é a relação de forças que se estabelece e tem o poder de anular o outro como pessoa.

A história dos casais revelou que num determinado tempo os mesmos estiveram bastante envolvidos na busca de estabilidade financeira e melhores condições de vida.

De acordo com seus relatos, esse período, que já apresentava dificuldades, as mesmas não só aumentaram, como foram determinantes no desfecho do conflito. Os casais, nesse sentido, se detiveram nas questões de ordem material, que foi a construção da casa própria. Todo esforço empreendido

pelos casais não foi suficiente para amainar os anseios de ordem afetiva. Isso confirma-se, pois, ao não verem satisfeitas suas carências afetivas, deram continuidade aos conflitos através da disputa do bem material. Estabeleceu-se desta forma uma competição para determinar quem tinha mais ou menos direitos.

Os cônjuges, como vimos, optam pelo gerenciamento da vida doméstica e profissional como forma de dar vazão aos conflitos conjugais, mas acabam por excluir deste as necessidades eminentemente do casal. Isso no entanto não resolveu os conflitos, ao contrário, apenas desgastou ainda mais a relação dos casais e adiou o desfecho da situação. É esta a situação com que os casais se defrontaram quando não conseguiram dar conta de seus problemas. Isto é, acusações e tentativas de responsabilizar o outro pela existência das dificuldades.

Nesse período em que se envolveram com a construção da casa, observamos que o casal 1, vivenciou momentos culminantes e definitivos de desajuste conjugal. A companheira, principalmente, sentia-se extremamente desvalorizada pelo marido, que recusava-se a reconhecer e considerar qualquer ajuda que não fosse as de ordem material. Ela, por sua vez dizia-se desdobrar para dar conta das atividades da casa e ainda auxiliá-lo na construção, com mão-de-obra. Relatou que sua maior angústia era o fato do companheiro não considerar esse seu esforço e interesse.

Dentro dessas circunstâncias, observamos que as dificuldades desse casal apresentava características das relações complementares, que estão assentadas muito mais sobre um processo de desconfirmação do que de rejeição do outro. Na complementariedade são acentuados as diferenças. Os sentimentos de frustração e desespero dos parceiros são crescentes e desembocam num aumento progressivo de queixas de um ou de ambos. Miotto (1994).

#### **4 Os Filhos na Dinâmica do Casal**

Os filhos também são determinantes, tanto da estrutura, como da dinâmica conjugal. Com os dois casais, os fatos mostraram como, no decorrer da relação conjugal os filhos foram utilizados para confirmar o desajuste no relacionamento.

No casal 1, a presença da filha sempre foi uma peça chave na dinâmica do casal. Como foi observado, no primeiro momento, ela (filha), esteve na pauta de conquista do relacionamento. Isso foi observado com relação ao companheiro pela atenção dedicada à enteada. Ele (marido) não só mostrava-se preocupado, como colaborava com o bem-estar físico e emocional da mesma, tanto que convenceu a mulher deixar o emprego, para que tivesse dedicação exclusiva de mãe.



A situação acima descrita, que foi, inicialmente importante no estabelecimento da relação, passou em outro momento a ser um elemento de ameaça, na medida em que o companheiro, preocupando-se agora com o passado da esposa, foi aos poucos afastando-se do convívio familiar, negando inclusive o sustento da mesma.

Observamos também que o mecanismo de triangulação, esteve presente no desenrolar da vida dos casais, as vezes temporária e outras permanentemente, o que implica em problemas familiares cada vez maiores.

A triangulação era acionada na dinâmica conjugal do casal 1, quando o marido costumava dar presentes e maior atenção à enteada, apenas quando estava brigado com a esposa. A aproximação do casal era buscada através de agrados à filha, tendo em vista que a mãe sentia-se gratificada por este gesto de estima do marido, talvez pelo sentimento que tinha em relação ao pai.

A maternidade reaviva sentimentos de variadas ordens, entre eles, o medo, a angústia, a ansiedade, e os de proteção. Nessa situação, o exemplo pode ser observado com a Sra. JB, cuja proteção ela foi buscar no seu antigo lar, o ambiente considerado modelo, desqualificando com isso seu companheiro. Diante dessa atitude, seu companheiro não só perdeu a sua proteção (em casa de sua mãe), como também obrigou-se a dividir seu papel de pai com os avós, que aos olhos de sua companheira eram pessoas exemplares, modelo.

Nos casos estudados, observou-se constante reclamação da ausência do companheiro como pai, por parte das mulheres. Os pais não consideravam como procedentes essas queixas. Essa situação poderia ser entendida portanto a partir da dinâmica do próprio casal. Isto é, a medida que os filhos são envolvidos no conflito conjugal. Nesse sentido, o envolvimento dos filhos na dinâmica da relação conjugal, observada com o casal 2, atuava de duas formas. Uma refere-se como o filhos foram envolvidos pelo casal para justificar desinteresse sexual de um cônjuge, enquanto a outra, pode-se dizer, era o fato da mãe, que procurava desqualificar a figura de pai perante os filhos. Com isso, se valorizava enquanto mãe, excluindo o pai da relação.

Mioto (1994), diz que as mães nesse período, podem resgatar o sentimento de uma relação a dois com seu bebê, condicionadas pelas frustrações experimentadas com seu parceiro e com o casamento, contribuindo para o fortalecimento de uma aliança mãe-filho, e desvalorização do pai no contexto familiar.

Com isso, evidencia-se em muitas situações, que os filhos podem ser deflagradores de desajustes familiares e conjugais. A situação tende a agravar-se na medida em que os pais não estão preparados para assumir funções de pais, pois a chegada do primeiro filho, costuma trazer novas dificuldades. Essas dificuldades relacionam-se desde a aceitação até de adaptação frente ao terceiro.

## **5 A Interferência da Família de Origem na Dinâmica do Casal**

A literatura sempre enfatiza a importância que as famílias de origem exercem sobre o casal, no entanto, muito pouco se tem estudado sobre isso. Nos casais estudados, especialmente com casal 2, ficou muito claro tal interferência. O apego às famílias de origem, e por não conseguirem facilmente desvincular-se das mesmas, foi decisivo na estruturação da dinâmica do casal. A tendência em manter os padrões das famílias de origem foi motivo de confrontos.

A interferência aumentava à medida que o relacionamento apresentava-se desgastado, formando-se assim um círculo vicioso, do qual o casal não conseguia se desvencilhar. As atitudes dela, com relação à família do companheiro e a ele próprio são de menosprezo, ao passo que considerava a sua como modelo, enaltecendo-a sempre que podia, caracterizando assim o modelo de família integrativa.

Comparando os dois casais no período da vida produtiva Ramos (1990), observamos que o casal 1 buscou desde o início a independência da família de origem, enquanto o casal 2 se defrontava com seus conflitos na casa dos pais, envolvendo os familiares, o casal 1 enfrentava-se sem essa interferência, desvinculado da mesma, basicamente, porque desde o início o marido procurou cultivar um espaço próprio.

Além disso, é importante assinalar que os dois casais se casaram quando ainda eram muito jovens, na adolescência. Alguns autores, entre eles Mioto (1994), colocam que a dificuldade apresentada pelos jovens casais, em se desvincularem de suas famílias de origem, poderia estar relacionada a casamentos realizados na adolescência, quando os conflitos próprios da idade ainda não foram resolvidos. A nova situação relacionada com esses conflitos provocam logo cedo um desencanto com o parceiro e a dificuldade de se perceberem enquanto pessoas individualizadas.

Eles entendem que nesse período, dificilmente o jovens estão capacitados para estabelecer uma relação afetiva satisfatória. A adolescência é uma etapa onde inicia-se o processo da identidade adulta. Essa fase se não for vivenciada de forma plena e satisfatória, trará dificuldades futuras para o jovem estabelecer relação afetiva equilibrada. Considera-se que do ponto de vista físico e biológico as condições são favoráveis, porém, do ponto de vista emocional, as dificuldades, mesmo que mais tarde, se farão presentes.

## **6 A Opção pela Separação**

A separação conjugal é uma situação de crise que atinge a família como um todo e não apenas os cônjuges. Ao buscarem a separação se trazem

inteiros, com todos seus anseios, desafetos, estando pois em consonância com o que Taube (1992) coloca sobre as implicações das dores da separação.

O pedido de separação, como vimos, revela o acúmulo de fracassos que se expressam tanto a nível individual nas funções conjugais quanto nas relações. Esses fatores determinantes da separação estão na própria constituição desses casais e podem ser observados através de todos os outros acontecimentos internos e externos presentes no decurso da relação, desde desilusões com a escolha dos parceiros, até a separação de pais. A dinâmica conjugal, dos casais, nessas circunstâncias, não permitiram a elaboração dos conflitos dentro dos quais estavam aprisionados, sendo decisivo nos casos estudados, as vivências anteriores à união.

O pedido de separação, como vimos, de acordo com os relatos dos casais, foi manifestado por um dos cônjuge em cada casal. A de separação foi se delineando nos vários momentos da vivência conjugal, na medida em que a união não possibilitou enfrentar as demandas apresentadas e inerentes a todo e qualquer relacionamento.

Sempre que as dificuldades se apresentaram na relação conjugal, os casais sentiram-se incapazes de resolvê-la e de reconhecer necessidades do companheiro. Isso porque, na maioria das situações, a preocupação de resolver os problemas relacionados a eles e ao casamento, talvez tenha existido apenas por parte de um dos cônjuges, conforme demonstraram as mulheres.

No decorrer da relação foi possível observar que os casais tenderam a um comprometimento progressivo da flexibilidade de sua estrutura, da permeabilidade de suas relações e da qualidade de suas fronteiras e de não realizarem as mudanças necessárias para o desenvolvimento de cada um e do casal. Miotto (1994).

Nas entrevistas, era intensa as queixas pontuada pela esposa para demonstrar a ausência de sentimentos afetivos de seu companheiro para com ela. Nessa situação vemos claramente que outro determinante do conflito vivenciado, está relacionado com a dificuldade do casal de entrar em contato com os sentimentos e emoções, ao que Lamanno (1993) chama de “desafetação”.

Essa dificuldade, de não conseguir passar emoção e sentimento de afeto ao cônjuge, segundo a autora é determinada pelos fracassos de experiências afetivas anteriores, e esse foi o caso ocorrido com o marido de CN (casal 1). Desde muito cedo os fracassos foram se acumulando na vida desses casais, desilusões amorosas, pais separados (casal 1), escolhas improvisadas (casal 1 e 2). O somatório de todas essas situações e circunstâncias são determinantes, fazendo com que na dinâmica conjugal não seja satisfatória.

As queixas revelam que a dinâmica estabelecida não corresponde às necessidades dos casais. No entanto, os casais apenas sentem que não estão satisfeitos, não identificam o que está determinando o desajuste. Isto porque o desajuste exige mudanças para responder a novas necessidades que vão se

apresentando no decorrer do relacionamento. E é nesse ponto que reside toda a problemática.

Os casais, ou pelo menos um dos membros percebe a necessidade de mudança, enquanto o outro, que está em outro estágio, não está apto ou não é capaz de enfrentar ou aceitar mudanças. É justamente esse último que busca a separação, já que a comunicação, nestas situações, é de complementariedade

Essa situação, em não aceitar a mudança, foi claramente observada com os dois casais. Com o casal 1, mesmo sendo ela a solicitante, sempre reforçava que recorria à separação esperando que seu companheiro mudasse a forma como a tratava. No entanto, isso não ocorreu. No transcorrer das entrevistas, ele aceitou a separação com bastante tranquilidade, dizendo que não fora o solicitante, por entender que a companheira não estava preparada para a separação. Após ela ter se definido, era mais fácil levar a termo o fim da relação, e para isso ele sentia-se pronto.

Nos casos estudados, dentre outros fatores que apareceram como determinantes na separação, está a união como tentativa de resolver outros conflitos, e a repetição do padrão de comportamento como saída do conflito conjugal. Essa situação pode ser exemplificada no caso do Sr. AJ, (casal 1), para o qual a separação dos seus pais determinara o início de todo o conflito que buscará fugir, casando-se aos dezoito anos e separando-se em seguida. No momento, buscava novamente na separação a saída para seus conflitos.

A separação, representou para o casal 1, uma forma da esposa enfrentar e coagir o companheiro. Isso porque a relação conjugal desgastou-se, aumentando as dificuldades. A esposa sentia-se anulada, não só enquanto pessoa, mas com relação a própria vida e o mundo. Esse sentimento era motivado pela indiferença do marido, que se mostra como ser superior a tudo e a todos. Essa situação a incomodava, e quanto mais ela se preocupava, mais distante e resignado ele ficava.

Com o casal 2, a separação foi solicitada com bastante convicção por parte da companheira, deixando claro que era em virtude da violência que sofria. O companheiro, negava-se veementemente em aceitar e conceder a separação. Tudo fez para que ela reconsiderasse a situação. No entanto, ela negou-se aceitar os pedidos de desculpas e a reconciliação. A separação efetivou-se na forma consensual mesmo ele negando-se a aceitá-la. Mas não tinha opção, já que nestas circunstâncias ela recorreria ao litigioso.

Frente ao exposto, devemos estar atentos, pois, ao lidar com as situações de crises conjugais devemos estabelecer como parâmetro, que não existe relacionamento sem conflitos, e que todo conflito denuncia que a dinâmica estabelecida não mais está respondendo as necessidades interpostas na relação. Para isso, mudanças terão que acontecer. Resistir as mudanças é impedir a continuidade e maturidade da relação. Muszkat (1992) salienta que nem sempre a idéia que os casais tem de seu casamento, corresponde a realidade, isso porque



a representação interna de um fenômeno serve às necessidades subjetivas e tem força de realidade.

Essas foram as circunstâncias apresentadas pelos casais, no momento em que recorreram à justiça, para efetivar a separação. No entanto, ao relatarem a vivência conjugal, a dinâmica observada, nos dois casais, mostra que a união foi construída com a perspectiva de não dar certo. Dessa forma, a separação conjugal, foi se delineando num processo gradativo, relacionada com os fatos concretos vividos pelos cônjuges. De acordo com Carraro (1995:60),

*“ Somente quando a pessoa consegue tornar a separação familiar é que ela consegue de fato separar-se e encarar a situação como algo positivo. (...) A separação é decorrente de uma elaboração interior e exterior dos fatos da vida, que envolvem a comunicação e interação com os demais, o contexto histórico social e cultural, onde os sujeitos estão inseridos ”*

A opção pela separação demonstrou que esses casais não conseguiram dar conta das dificuldades. Recorrem, como último recurso às instâncias Jurídicas. Nessas circunstâncias, perguntamos: Seria essa a única possibilidade, o último caminho para as situações de desajustes ou de dificuldades no relacionamento conjugal?

Podemos dizer enfim, que a relação conjugal é um processo dinâmico e evolutivo que tem início com a escolha do parceiro conjugal, e a partir daí será marcada pelas várias etapas significativas, a vivência diária de

cada cônjuge e do casal, influenciados pelo meio social do qual participam, e pelas relações com a família de origem, inclusive a identidade sexual.

Dentro desse contexto, é possível pensar que ao se casarem, as pessoas buscam suprir desejos e necessidades. Essas necessidades, de acordo com os psicanalistas são relacionadas as experiências da infância e adolescência. Nesse sentido as identificações, em especial com os pais, no decorrer de nosso desenvolvimento é que darão o tom às expectativas que mais tarde serão depositadas e cobradas nos relacionamentos conjugais.

Os autores reforçam que o casamento não representa apenas a necessidade de livrar-se dos sentimentos, desejos e frustrações. A união, representa, nessas circunstâncias a possibilidade de não perder aspectos de si próprio, estando isso implícito no contrato secreto do casamento. Pincus & Dare (1987).

Assim, é possível entender que os indivíduos, os casais, assim como as famílias, são possuidores de uma estrutura inconsciente sobre a qual organizam sua vivência. E será essa estrutura que dará o tom das qualidades nas suas relações, confirmando que as mesmas são uma elaboração interior e exterior dos fatos da vida, que envolvem a comunicação e interação com os demais, no contexto histórico social e cultural, onde os sujeitos estão inseridos.

Assim pode-se dizer que as expectativas colocadas no outro, e pelo cotidiano, e a busca do amor como complementação e integração tem promovido

mais desentendimentos e conflitos do que concretizações. A busca do parceiro ideal mostra-se impossível, e enquanto isso não estiver claro, e a persistirem, os casais enfrentam a angústia, o vazio e a solidão. Para os autores, só existe uma possibilidade de unir-se ou separar-se: essa possibilidade reside na renúncia pela satisfação plena.

Frente a esse contexto, podemos relacionar os casais com os quais trabalhamos no EMAJ. Ficou claro que ambos buscaram suprir suas carências, desilusões unindo-se a outro parceiro e repetindo padrão de comportamento como saída do conflito conjugal.

A opção pela separação foi determinada por esse quadro, tendo em vista o fracasso continuado em solucionar suas dificuldades. Como vimos, os casais assim o fizeram mesmo que essa opção não estivesse de acordo com seus sentimentos. Ou seja, foi observado o sofrimento do casal em perceber na separação a opção de suas vidas, já que tinham um modelo a ser seguido, e estiveram constantemente preocupados com o desenrolar e o cumprimento de suas tarefas e papéis.

Da mesma forma, os companheiros não tiveram consciência de sua participação no desajuste conjugal. Na maioria das situações responsabilizam o outro pelo sofrimento experimentado no relacionamento. Ao mesmo tempo em que o outro é responsabilizado pelo fim do relacionamento, é visto igualmente como a única possibilidade de realização.

No transcorrer das entrevistas, os casais revelam que o relacionamento não está satisfatório através das queixas, colocam-se sobretudo como vítimas, denunciando desilusões e fracassos. Nessas situações e nesse momento os casais dizem “que o outro não é mais o mesmo,” então aproveitamos o momento perguntando se “ele ainda é o mesmo, e se o companheiro não estaria pensando o mesmo”?

Nesse momento é possível refletir situações junto a pessoa, oportunizando saírem do seu mundo individual para perceberem a existência do outro na relação, e negociarem suas necessidades e diferenças e mudar naquilo que for possível. Da mesma forma, ao persistirem pela separação, conscientizá-los de que os problemas e as dificuldades não serão resolvidos ou deixarão de existir simplesmente com essa opção. Mesmo porque em situações onde um dos parceiros decide pela separação, ele mesmo sofre intensamente pelo outro, sente-se culpado e frustrado.

Na medida em que conseguem expor os fatos, mesmo que já tenham optado pela separação, conseguem ouvir-se. Esse processo faz com que visualizem suas próprias dificuldades, percebendo-se como co-responsáveis. A partir daí, e dependendo da extensão das dificuldades e o grau de comprometimento da relação, terão condições de elaborar mais firmemente a separação, ou até, como vimos, optar pela continuidade do relacionamento.

Esse é o momento em que a pessoa consegue perceber que as dificuldades são inerentes a todo e qualquer relacionamento e a superação da mesma não acontece de forma organizada. A resolução dos conflitos dos casais, ou pelo menos de alguns deles é que permitirão aos cônjuges a enfrentarem melhor as próximas etapas de suas vidas e o processo de organização familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que neste momento concluímos buscou entender a dinâmica das relações conjugais vivenciadas pelos casais no momento em que procuraram o EMAJ, após decidirem-se pela separação.

A partir da revisão teórica e do estudo sobre alguns casais em processo de separação, tentaremos tecer algumas considerações sobre a temática proposta. Sobretudo esclarecemos que a linha teórica adotada é uma tentativa de lançar uma nova e possível leitura sobre o tema, sem no entanto desconsiderar outras abordagens, pelo contrário, esse estudo se dá a partir de outras leituras e sempre vinculando-o ao contexto social, econômico, cultural, político, moral e religioso.

É necessário dizer primeiramente que casamento, relação conjugal e separação, são temas muito abrangentes, pois encerram muitas determinações, implicações, entendimentos. A separação traz consigo, todo um processo de vivência do casal, que tem início com a escolha do cônjuge e se desenvolve conforme a dinâmica de suas relações.

Deve-se considerar que existe uma diversidade de fatores de ordem externa incidindo sobre o casamento e as relações conjugais, entre eles estão, a flexibilidade das pressões sociais e as mudanças de ordem legal, como o divórcio

e as uniões livres que aos poucos vão sendo assimilados e aceitos sem o peso da condenação social.

Dentro dessa análise, Porchat (1992) coloca que o casamento pode ser entendido como resultado da busca de realização romântica, acima de tudo idealizada, reflexo da própria cultura, onde a mulher é preparada para realizar-se através do homem.

Da mesma forma são relevantes os determinantes internos, como a busca de realizar através do outro as necessidades de ordem afetivas, e expectativas, sobretudo idealizadas do casamento. Isso porque, dentro das circunstâncias atuais, a realidade tem mostrado uma enorme defasagem entre as expectativas de amor depositadas numa relação conjugal e as reais possibilidades de concretizá-las. Em suma, as expectativas frente ao casamento podem ser tanto o motivador de encontros como de desencontros, que estão intimamente relacionadas à escolha do parceiro e à dinâmica das relações conjugais.

Os casais, ao procurarem nosso serviço se trazem inteiros, revelando situações complexas, desde dificuldades em entender e expressar sentimentos e emoções, até envolvimento dos filhos e famílias de origem, na dinâmica da relação conjugal.

Ao desnudarem suas dificuldades vivenciadas no dia-a-dia do relacionamento conjugal, os casais apontam que essas não se referem apenas às

questões econômicas, políticas e sociais. Paralelo a esses determinantes, eles enfrentam a instabilidade interna como rotina.

Isto significa que por mais individual que o problema do casal possa parecer, ele se constitui e envolve a família toda, e numa visão mais ampla atinge a sociedade como um todo.

Nesse sentido é que analisamos o compromisso de nossa profissão, Serviço Social, tendo em conta, que é na área do relacionamento, onde somos freqüentemente solicitados a dar respostas às demandas apresentadas.

E, na medida em que buscamos explicações e conhecimento sobre essa realidade, conseguimos direcionar de forma mais adequada os atendimentos dos casais e das famílias. A competência dos atendimentos dessas questões, é que vai ajudar o casal a resolver ou não seus problemas.

Conhecendo essa realidade, nós, os profissionais, deveremos ajudar os casais a pensar novas estratégias de convivência, tendo em conta que papéis masculinos e femininos não são eternos e imutáveis, mas são frutos de uma série de fatores, entre eles sociais, econômicos, culturais e afetivos.

Nas situações de separações conjugais é necessário estar atento para compreender as necessidades que o casal está vivenciando no momento, perceber a extensão de comprometimento da relação e em que fase do relacionamento o casal se encontra. Através da história de vida de cada um dos cônjuges e do casal é possível compreender se existe a possibilidade de mudança



nas relações conjugais para melhorar o convívio ou se, ao contrário, a separação seria a melhor opção de vida para cada um.

Para finalizar, podemos dizer, que ao realizar este trabalho, buscamos atingir não apenas os objetivos institucionais. Sobretudo, buscamos concretizá-lo de acordo com um projeto pessoal de formação profissional. A escolha do campo de estágio esteve vinculada a uma preocupação com as questões da família na sociedade atual. Entendendo que a família tanto pode ser um espaço de construção e realização de seus membros, como ser um obstáculo dessa realização. Nesse sentido, um relacionamento satisfatório entre os cônjuges, é um dos principais fatores da convivência familiar.

Para conhecer uma pessoa é preciso que andemos um longo tempo com os seus mocassins.

Chefe Indígena Americano

## **ANEXO 1**

**Relatório da Primeira Entrevista Realizada com a Sra. C no dia 26/04/94.**

**Usuária:** C.N.

**Idade:** 29 anos

**Sexo:** feminino

**Estado civil:** solteira (união estável)

**Profissão:** do lar

**Número de filhos:** 1(uma filha)

Nosso primeiro contato com a usuária CN (C), se deu na sala de atendimento com o Direito, quando então fomos solicitada pela equipe, pois a usuária encontrava-se bastante nervosa, deixando transparecer certa insegurança quanto ao que viera solicitar.

Após a apresentação nos dirigimos a sala de atendimento do Serviço Social. Convidei-a para sentar e iniciamos a entrevista.

**Est** - Estou vendo C que estás bastante nervosa. Gostaria de falar sobre isso...

**Ela** - *É, sempre fico assim, não consigo enfrentar nada sem chorar (...) sou muito nervosa (...) fiquei muito constrangida com os advogados lá na outra sala ...não sei o que eles vão pensar de mim (...)*

**Est** - C, gostaria que ficasses à vontade, estamos aqui para ouvi-la, mas é você quem decide se quer falar ... todos entendem essas situações, não precisas se sentir constrangida

**Ela** - *Eu demorei muito tempo para me decidir sobre o que fazer da minha vida, ... mas a cada dia que passa vejo que não tem jeito mesmo... a separação é a melhor saída para mim e J..., eu já não suporto mais viver essa vida, é um inferno, ele não me valoriza, tudo o que faço ele não*

*considera...sinceramente não dá mais, acabou o carinho, é só briga e ofensas, ele não me considera...*

**Est** - E o que a faz pensar assim C?

**Ela** - *E pelo que acontece nos últimos tempos comigo e o J. Para mim é inadmissível conviver no mesmo teto com uma pessoa que não te considera, ... o que pesa nisso tudo é que o J cobra desde a água do banho até o grão de arroz que a minha filha deixa cair do prato (...) mas não é isso. Quando nos conhecemos eu trabalhava como balconista numa padaria, mas ele me fez desistir de trabalhar, prometendo que me daria tudo o que fosse necessário tanto para mim quanto para minha filha... e olha no que deu, hoje sou humilhada por ter acreditado nele. É por isso que resolvi buscar ajuda, ele está querendo me enrolar de novo...*

**Est** - E sabes porque ele agiu dessa forma C?

**Ela** - *Naquela época posso lhe garantir que era pelo ciúme, eu não podia fazer nada sem ele. Mas o que eu considero pior é que o J é muito individualista e materialista, valoriza mais uma tábua do eu. Falei prá ele que não agüento mais ser tratada dessa forma, (...), aí ele disse que era para mim fazer aquilo que eu achasse melhor, só que ele não quer me dar nada, diz que não vai dividir nada daquilo que adquirimos durante esses seis anos que estamos juntos. Caso eu quisesse, que era prá mim buscar meus direitos, se é que eu tenho algum, ele falou,*

**Est** - E porque ele diz que você não tem direito?

**Ela** - *É porque não somos casados de papel, só vivemos juntos (...) Isso não é justo, e ele pensa que eu não teria coragem para procurar um advogado, mas ele está enganado, (...) só acho que eu deveria ter feito isso muito antes, eu só ameaçava, acho que foi por isso que ele foi abusando cada vez mais.*

**Est** - E porque você só se decidiu por isso hoje, C?

**Ela** - *Eu vou ser bem sincera com a senhora, eu amo demais o J, é por isso que esperei tanto, mas agora não adianta mais, pois tenho certeza que ele não vai mudar, eu sinto que ele não me ama, pois uma pessoa quando gosta da outra não lhe deseja mal, e o J nada demonstra, (...) não conversa, mas só comigo que ele age assim, com os outros é amigável, conversa, trata bem todo mundo..*

**Est** - *E você C, procura conversar com ele?*

**Ela** - *É que é difícil, a nossa relação está tão ruim, as atitudes dele ele me magoa muito, aí a gente quase não se fala, já aconteceu de a gente ficar até uma semana sem se conversar, é como se o outro não estivesse ali, e isso é muito ruim.*

**Est** - *Quem costuma falar primeiro, isto é, quem quebra o silêncio?*

**Ela** - *É, nesse ponto eu admito que o J é mais flexível, eu sou mais “emburrada” que ele, as vezes penso que se dependesse de mim a gente nunca mais se falava.*

**Est** - *E você sabe dizer o porque ages dessa forma?*

**Ela** - *Tudo começa com o jeito como ele me trata, cobra tudo, água, energia elétrica, a comida, isso é humilhante demais, mas ele não escuta, aí não tem jeito, me afasto dele, a gente não se fala mas também não se briga me sinto muito ofendida, muito ofendida mesmo...ele pensa que é o dono de tudo, - Sabe, quando decidimos viver juntos fomos morar numa favela, economizamos tudo o que era possível e até o que não era (...) abrimos mão de tudo para construir uma casa que era o nosso sonho, sofremos demais para conseguir isso, e eu acho injusto hoje, apenas ele desfrutar disso, e eu sair com uma mão atrás e outra na frente depois de tudo o que passei ao lado dele (...) e eu quero saber se realmente é verdade que ele pode fazer isso comigo, não dividir nada e ficar tudo só prá ele (...) se fosse só por mim eu até que não me importava, o caso é que tenho uma filha com 5 anos e me preocupo com o futuro dela (...)*

**Est** - C, você fala, “tenho uma filha” e, não “temos”, porque?

**Ela** - *Sabe porque? É que quando conheci o J, eu já tinha a AC (filha) com 3 meses.*

**Est** - E como foi isso C?

**Ela** - *Eu namorei com o pai de minha filha por 8 meses, aí quando engravidei, ele disse não estar preparado para ser pai e caiu fora (...)*

**Est** - E você, como enfrentou a situação...

**Ela** - *No começo não foi nada fácil, tive que enfrentar minha família, mas eles me apoiaram, principalmente a minha mãe, (...) não tenho mais pai (...)*

**Est** - Como foi que vocês se conheceram? Você e o J...

**Ela** - *Conheci o J no dia em que ele foi na minha casa. Minha mãe havia colocado um terreno a venda e ele veio conversar sobre isso (...) aí, me lembro, eu estava olhando pela janela e achei ele muito bonito, percebi que ele se interessará por mim, (...) ele veio conversar comigo (...)*

**Est** - E depois...

**Ela** - *Eu nunca escondi nada dele, logo falei da existência da AC, e que eu jamais abriria mão dela caso encontrasse alguém ...*

**Est** - E como foi a reação dele diante dessa situação, C?

**Ela** - *O J simplesmente não queria saber de nada, de início foi me pressionando para vivermos juntos, disse que assumiria a AC (filha).*

**Est** - E você, também queria o mesmo ...?

**Ela** - *Posso dizer sinceramente que eu estava ainda muito confusa (...) tanta coisa tinha acontecido na minha vida que eu já não conseguia raciocinar direito (...) mas o J foi tão convincente, me pressionou tanto, parecia tão sincero que decidi tentar e fazer o que ele tanto queria ...*

**Est** - E hoje, depois de seis anos C ...

**Ela** - *Sinceramente, o início de nossa vida foi muito bom, eu aprendi a gostar dele, realmente sei que o amo, (...) no início o J era o pai perfeito,*

*ajudava até trocar as fraldas da AC (...) mas com passar do tempo as coisas foram mudando radicalmente, ele começou a beber e me bater. Cada dia o J se mostrava mais nervoso (...) queria saber tudo sobre o pai da AC, insistia em conhecê-lo, (...) eu não falava muita coisa, mas insisti tanto. Aí foi falar com uma amiga minha e ela acabou contando quem era (...) e as coisas iam piorando, ele passou a não mais se importar com a AC, e quando ela ficou maiorzinha ele começou a exigir demais dela, tudo o que ela fazia de errado ele a xingava (...) e isso me magoa demais, afinal, ele sempre soube que não era o pai ...*

**Est** - E você também não o aceita como pai de AC, mesmo depois de ele ter aceitado ela desde o início?

**Ela** - *Mas não é a mesma coisa, sinto que a existência da AC interfere demais no nosso relacionamento... às vezes fica muito claro que ele sente muita raiva dela, a própria família dele já notou e comentou isso.*

**Est** - E você, C, já comentas-te com o J sobre isso?

**Ela** - *Sim, mas ele nega, diz que é tudo invenção minha (...) e eu não sei mais o que fazer, só sei que está muito difícil suportar essa situação...Mas eu não contei tudo...*

(A usuária percebeu a minha intervenção, pensando que a entrevista iria terminar se apressou em colocar mais informações).

**Est** - Pois não C, podes concluir...

**Ela** - *Eu só queria acrescentar que mais ou menos passado uns oito meses, o J começou a chegar tarde em casa e bêbado, caso eu reclamasse ele costumava me agredir fisicamente, eu me calava de vergonha da minha família, mas chegou a um ponto que não pude mais suportar, e como a família dele achava ele muito bonzinho fui obrigada a desmascará-lo...*

**Est** - E como isso aconteceu?

**Ela** - *Foi numa época em que estávamos construindo nossa casa e o pai dele ajudava na construção, um dia que ele foi nos visitar e o J não estava em*

*casa. Já era tarde, pedi para que meu sogro esperasse até ele chegar. O J no entanto somente chegou passando da uma hora da manhã super bêbado... O pai dele vendo isso foi embora sem se despedir e nunca mais ajudou o J em nada... Só que essa situação acabou afastando ainda mais nós dois... o ódio dele foi tão grande que até hoje sei que não consegui esquecer, ele diz que sou culpada de afastar o pai dele, só que eu não penso assim, acho que ele devia assumir seus atos...*

**Est -** C, realmente, a tua história de vida está bastante conturbada, no entanto as coisas não podem ser resolvidas num só tempo. Proponho a você vir outro dia para podermos continuar falando sobre o que não pode ser dito hoje, e se possível, gostaria que o J estivesse presente. Peço a você, se possível, entregar-lhe uma carta convite, é possível C?

**Ela -** *Posso entregar, agora se ele virá, eu não posso garantir...*

**Est -** Não tem problema, quem sabe ele aceite e venha, vai ser bom, podes ter certeza C... e quanto ao que querias saber sobre os teus direitos quanto a casa, trataremos disso também no próximo encontro, mas posso te adiantar que tudo que o casal adquire durante o tempo em convivem juntos é dividido por igual, 50% para cada um, isso se não houver outros impedimentos, mas conversaremos sobre isso no próximo encontro.

E assim, C já mais calma, aceitou entregar a carta convite para seu companheiro. Marcamos o próximo encontro para o dia 28-04-94, pela manhã, visto que seu companheiro, devido ao trabalho, só poderia vir pela manhã.

**Descrição da primeira entrevista realizada com o Sr. AJ no dia 28-04-94, às 9:20 min, na sala 16 do EMAJ.**



Ao chegar nas dependências do EMAJ, a secretária comunicou-me que um senhor me aguardava. Dirigi-me até ele, apresentei-me e perguntei-lhe se era o J. Ele respondeu afirmativamente . Convidei-o para entrar e sentar-se .

**Est** - E a C, porque não veio ...?

**Ele** - *DV (ent), ela pediu-me para avisá-la que não poderá vir pois teve que ir trabalhar, e como não sabia que teria de vir aqui, não pode avisar a patroa a tempo de arrumar outra... mas ela disse que vem outro dia, é só a senhora marcar o dia.*

**Est** - J, sabes o motivo de tua vinda hoje aqui? A tua mulher chegou a comentar alguma coisa a respeito?

**Ele** - *Sim, estou ao par da situação. E tenho consciência de que as coisas não estão bem entre eu e a C. E vou ser sincero, eu realmente queria que ela tivesse vindo até aqui(...)*

**Est** - E porque não você?

**Ele** - *Eu já conheço todo esse processo, já me separei uma vez e sobrevivi, estou aqui, não estou? Mas para a C as coisas são mais difíceis. Posso dizer que tivemos alguns bons momentos, mas isso é passado.*

**Est** - E porque as coisas hoje estão diferentes?

**Ele** - *Para facilitar as coisas eu vou procurar ser o mais sincero possível, e então devo assumir que eu tenho muita responsabilidade sobre muita coisa, reconheço que fiz coisas erradas...*

**Est** - Como o que, por exemplo J?

**Ele** - *Como por exemplo, no início do nosso relacionamento, sob efeito da bebida a agredi covardemente por várias vezes, isso foi no começo, deixei de fazer isso, só que passei a fazer outras coisas que a desagradava, como chegar tarde e não dizer onde estava, mas tudo isso que faço é*

*mais forte que eu, não consigo me controlar...e aí as coisas estão desse jeito...*

**Est** - Então não sabes explicar porque ages dessa forma com a C?

**Ele** - *No início era porque eu sentia muito ciúme dela. Procurei de todas as formas saber o passado dela e quando finalmente consegui não sabia mais como agir, simplesmente não conseguia desligar, virou uma obsessão incontrolável. parecia que quanto mais tempo eu ficasse fora de casa era mais fácil suportar... Isso tudo foi me afastando cada vez mais de C e hoje é praticamente impossível recuperar nosso relacionamento. Muita coisa de ruim rolou. Eu sinceramente acho mais fácil começar com outra pessoa...*

**Est** - E assim mesmo que você percebe as coisas entre vocês?

**Ele** - *Outra coisa que interfere muito é o fato de C ser muito ligada na família dela, tudo o que acontece com a gente Eles logo ficam sabendo, Ela não consegue separar as coisas. Inclusive o jeito que Ela educa a filha eu discordo muito. Mas nada posso fazer, afinal, não sou o pai de verdade...*

**Est** - E você, o que tens a dizer sobre AC (enteada)?

**Ele** - *Eu não gostaria de falar nada sobre ela, acho que a responsabilidade é da mãe dela, e ela faz o que quer, apesar de eu não concordar com a maneira como a C a educa (...) é muito diferente da forma de educação que recebi em casa, mas eu gosto muito da menina, nada tem a ver com ela, inclusive não gostaria que a senhora comentasse com a C sobre isso que falei...*

**Est** - Não se preocupe com isso J. Gostaria que falasses sobre algumas cobranças que a C considera absurdas de tua parte, reclamações como gasto com água, luz, alimentação...

**Ele** - *Não vejo nada de errado nisso. A C que é de muita marcação. A senhora não concorda que é muito mais fácil quando todo mundo trabalha e economiza? E hoje as coisas não estão fáceis não ? Se eu não tivesse*

*agido dessa forma não tinha onde cair morto. A C ganha uns trocos de uma pensão pela morte do pai dela, mas aquilo não dá pra nada, nem para pagar aquelas besteiras que mulher adora tá comprando. Daí o resto é tudo comigo, e tenho que ser durão mesmo. E digo mais, eu não estou preocupado com isso porque eu me basto, não preciso de ninguém e acho que nunca vou precisar.*

**Est** - Esse é o teu ponto de vista J, no meu entender as coisas não são tão simples assim a ponto de podermos dizer que nos bastamos, o simples fato de sermos seres humanos nos torna seres dependentes, nosso dia a dia se faz através das relações que estabelecemos com nossos familiares, amigos, colegas de trabalho e assim por diante. Sinceramente, não achas tua posição um tanto quanto radical?

**Ele** - *Não faz mal, no final sei que a senhora vai poder fazer um bom estudo com isso que estou lhe contando. E espero que a senhora realmente consiga pois sinto que és uma pessoa bem intencionada. Agora quanto ao relacionamento entre eu e a C é muito difícil de mudar, o melhor para nós é o rompimento. Eu até gosto da C, reconheço que ela tem muitas qualidades. Foi a mulher com quem consegui ter o melhor entrosamento sexual, mas nosso passado foi muito desgastante, muitas seqüelas ficaram e é impossível apagar e recomeçar do zero.*

**Est** - Pensas mesmo que é mais fácil recomeçar com outra pessoa...?

**Ele** - *Sabe, na verdade DV (ent), existe mais coisas que impede que a gente viva bem. A C é uma pessoa muito problemática, só eu é que sei disso, porque eu convivo com ela, e muitas vezes nem falo nada que é pra não magoa-la mais ... ela parece que não compreende bem as coisas, vive emburrada e chorando pelos cantos, e se eu não tomar a iniciativa, acho até que ficaria muda pra sempre, afinal, alguém tem de tomar a iniciativa não é?(...), mas no nosso caso é sempre eu, e assim fica difícil, a senhora não concorda? (...)*

**Est** - J, insistes em que a separação seja o melhor caminho para vocês, quanto a isso, como ficaria a divisão de bens?

**Ele** - *Já conversamos sobre isso. Eu me propus a construir num curto espaço de tempo uma casinha prá ela, não claro uma casa nos moldes daquela em que moramos, mas para ela e a filha serve.*

**Est** - Pois é J, nosso tempo esgotou-se e não tivemos tempo de abordar todas as questões, proponho um novo encontro, você concordaria?

**Ele** - *Sim, desde que não interfira no meu trabalho...*

**Est** - Marcamos para o dia que for melhor para você.

**Ele** - *Então eu telefono para confirmar o dia, mas só poderá ser na semana vem. E gostaria antes de sair que estou satisfeito em poder dizer aquilo que realmente penso, mesmo sabendo serem radicais, mas é assim que penso, a senhora me entende?*

**Est** - Entendo sim J, pediria apenas que conversasse com a C ao chegares em casa sobre o que falamos hoje, principalmente quanto a separação...

**Ele** - *Vou tentar, se for possível e tiver clima, a C está muito magoada, não sei se vai querer conversar...*

**Est** - Tudo bem J, obrigada e até a semana que vem...

### **Descrição da segunda entrevista realizada com a Sra. CN no dia 03-05-94**

Apesar de não termos marcado a data para novo atendimento, a Sra. CN nos procurou, preocupada por não ter vindo junto com seu companheiro. Convidei-a para sentar-se.

**Est** - E daí C, como está a situação entre vocês ?

**Ela** - *As coisas continuam como sempre, igual, não conversamos. O J como sempre me ignora quando eu o procuro para conversar, sabe, eu queria tentar, ver se a gente conseguia se entender, mas ele precisa mudar muito, se não, vai ficar tudo igual, ele me diz que as coisas não são como eu penso ou que eu não sei de nada,( ...) o que ele lhe disse? Será que quer a separação mesmo?*

**Est** - Olha C, falamos sobre muita coisa com teu marido, sobretudo pedi para ele que repassasse aquilo que conversamos, ele não o fez?

**Ela** - *Agiu como se nada tivesse acontecido...*

**Est** - Como você interpreta essa situação...

**Ela** - *...é, acho que não vai ter jeito mesmo...*

**Est** - C, e a família do J, eles estão ao par da situação ?

**Ela** - *O J, depois da separação dos pais desligou-se da família. Os pais dele se separarão depois de 35 anos de casamento, ...o pai dele arranhou outra mulher e abandonou a família. O J sofreu muito nessa época, até saiu de casa, foi morar com um tio, em seguida foi servir o Exército, logo que voltou, casou com essa mulher. O motivo da separação deles, segundo o J foi por incompatibilidade de gênios...mas eu soube por amigos dele que foi por infidelidade dela. Eles ficaram casados somente por dois anos...*

**Est** - O J comenta sobre isso contigo?

**Ela** - *Não, eu já lhe disse, ele é um poço de silêncio, tudo o que sei sobre a vida do J foi através dos parentes dele. Sobre a traição da mulher eu soube que os amigos dele viviam alertando ele, mas ele gostava demais dela e não queria acreditar. Mas um dia, era no sábado à noite, ele saiu dizendo que ia para trabalho (vigilante noturno), só que voltou em seguida e não a encontrou em casa. Foi até o clube, que era ali perto e ela estava em companhia de outro homem. Ele foi para casa, e em seguida pediu a separação ... eu sei que ele gostava muito dela...*

**Est** - Isso aconteceu quando C?

**Ela** - *Quando nos conhecemos fazia pouco tempo que ele havia se separado, ele estava com 20 anos...*

**Est** - E quanto a tua família, C?

**Ela** - *Minha mãe é viúva, tenho mais um irmão que é solteiro e uma irmã que está separada, mora com minha mãe e tem dois filhos.*

**Est** - A tua mãe não se casou após ficar viúva?

**Ela** - *Ela não quis se casar prá não perder a pensão pela morte do pai (...)*

**Est** - E o que a tua família diz sobre o teu relacionamento com o J.... eles sabem das dificuldade que estão enfrentando?

**Ela** - *A minha família como lhe disse no outro dia não se mete na minha vida, apesar do J pensar diferente (...) aliás eu não comento com ninguém sobre os meus problemas, mas a AC (filha) sempre percebe, porque eu choro muito, (...) inclusive o meu relacionamento íntimo com o J para mim ficou diferente, eu simplesmente não consigo relaxar, na hora que ele está ali comigo tudo aquilo de ruim que acontece entre nós dois me vem a mente, lembro do quanto ele é egoísta e individualista e aí estraga tudo, com ele sinto que é diferente, parece que tudo é mecanicamente, só pensa no lado material e não no afetivo, é o oposto de mim. (...) sinceramente as vezes fico pensando que preferia quando não tínhamos nada, pelo menos ele me amava, éramos mais felizes...*

**Est** - C, realmente percebo que não queres a separação, e ao mesmo tempo percebes como a única saída? O que realmente você pretende fazer?

**Ela** - *Realmente não sei, vou deixar que o J decida... Caso a gente realmente separe, eu só saio da casa se tiver para onde ir (...) o J falou que vai construir uma casinha para mim e a AC, mas enquanto a casa não fica pronta eu não tenho para onde ir .*

**Est** - E a casa da tua mãe...

**Ela** - *É impossível ir morar com ela, a minha irmã que é separada e com dois filhos já mora lá, e a casa é pequena demais para todos nós, e eu sinto muita vergonha dessa situação, realmente não gostaria que as coisas fossem assim... mas eu não acredito que o J consiga construir logo, e se eu sair antes ele pode levar outra pessoa lá prá casa, e aí mesmo ele nunca mais vai cumprir a promessa, por isso quero que fique tudo acertado com ao advogados, assinado por ele, caso ele não cumpra direitinho eu tenho como reclamar...*

**Est** - Para isso, vocês terão que conversar, e para definir juntos qual será o melhor para os dois, é importante que você C e o J sentem-se, e discutam todos os detalhes e na próxima semana vocês retornam com tudo discutido, assim as coisas ficaram mais fáceis, não achas C?

**Ela** - *Pode deixar DV (ent), vou fazer o possível e ver se dessa vez chegamos a um acordo.*

**Est** - Então, aguardo vocês dois na próxima, se quiseres trazer a AC ficarei contente em poder conhecê-la.

**Ela** - Se ela estiver bem, vou trazê-la.

Nos despedimos após mais de uma hora de conversa, onde percebíamos o quanto aquele relacionamento era significativo para C.

**Relatório da quarta entrevista realizada com a família C, J e AC no dia 10/05/95, as 14:00 na sala 16 no EMAJ.**

Assim que a família chegou, cumprimentei-os e os convidei para entrar e sentar. A filha de C estava ao lado de J e preferiu sentar-se no colo dele

e não na cadeira oferecida a ela. Antes de iniciarmos a conversa passei a AC uma folha e canetas coloridas e perguntei se ela gostaria de pintar, ela prontamente aceitou.

**Est** - Como é o teu nome? (ela me olhou, demorou um pouco e disse..- AC...

**Est** - E quantos anos você tem?

**Ela** - *Eu tenho 6 anos e já vou na escolinha, ...sabe eu já sei desenhar, e vou lhe mostrar...*

**Est** - AC, enquanto você fica fazendo um desenho bem bonito eu, o papai e a mamãe vamos conversar, certo...? (ela respondeu afirmativamente, e então me dirigi ao casal que até o momento estavam observando.)

**Est** - Como vão as coisas...? (Olhei para os dois e fiquei esperando quem falaria primeiro).

**Ele** - *(meio rindo respondeu), ...Acho que do mesmo jeito...*

**Ela** - *Eu até acho que as coisas agora estão melhores que antes, pelo menos ele já não tem feito tanta cobrança, tem chegado mais cedo... não discutimos...*

**Ele** - *E tu se conforma só com isso? (Fala isso olhando para C).*

**Ela** - *É como disse, melhor que antes, que só havia brigas, a gente não está bem, mas pelo menos se respeita mais...Eu sempre cobro do J prá gente sair, ir na Associação nos domingos a tarde, na danceteria, eu sempre gostei (...) antes de viver com ele eu freqüentava, mas agora...*

**Ele**- *Mas agora "dona C", a vida está muito difícil. Prá se divertir a gente precisa de grana, Você tem? Eu não tenho.*

**Ela** - *Na verdade J, você é um grande egoísta. Todos as famílias que conheço se reúnem nos fins de semana, almoçam juntos, (...) E nós? (...) sempre isolados, só porque você não quer, e o que eu gosto, não conta ?*

**Ele** - *Como és tola C ! Imagine, a nossa vida já é um inferno só entre nós dois... isso já é ruim, imagine chamar os vizinhos para tomar parte disso?*



**Ela** - *Mas tomar cerveja e jogar bola com os amigos é possível! Isso porque você pode ir sozinho...! E aquele dia que me contaram que você estava na companhia de uma mulher lá na Costeira?*

**Ele** - *Quem te contou?*

**Ela** - *Não interessa. Eu acho que as coisas entre a gente não tá legal... mas nem por isso eu saio por aí já me sentindo livre ! A senhora acha isso certo DV?*

**Est** - *Quem deve te responder é o J. Não acham ? O que significa estar casado para vocês dois?*

**Ele** - *Para mim casamento é muito mais do acontece no nosso, ...hoje está bom.... amanhã já não está.... tem que existir algo mais...*

**Ela** - *Eu concordo que quando se é casado mulher tem que participar das despesas da casa, mas quando é possível, e quando não é, que não seja cobrado... que se não põe dinheiro, o resto do serviço não vale nada?... lavar...passar cozinhar... tudo isso custa, alguém precisa fazer, vai pagar uma pessoa prá fazer e vai ver quanto vai custar, é muito mais do que podes pagar...*

**Ele** - *Veja bem C o quanto estou certo! O lado econômico foi responsável pelos nossos desentendimentos, e agora está sendo motivo de dificuldade para a separação, pois nós só estamos juntos porque só temos aquela casa para morar, os dois não tem para onde ir. A C não quer ir morar com a mãe...*

**Ela** - *J, você sabe que não tem condições de eu a AC morar lá. Você afirma que o lado econômico é o principal motivo. Mas eu não concordo. Acho que quando as pessoas se amam elas superam tudo. Tem tanta gente pobre que trabalha o dia inteiro só para comer e ainda assim vivem felizes.*

**Ele** - *Tudo bem, mas cada um tem o que merece. Eu não sou o responsável por tudo o que de ruim acontece, nós dois somos responsáveis (...) não posso abandonar aquilo que construi com o meu próprio suor (...)*

**Ela** - *J, por favor, não começa com esse teu individualismo, sabes muito bem que sempre te ajudei, não com dinheiro, mas carreguei muita água, mexi massa, lavei tábuas, telhas, fora a comida que preparei para poderes construir (...)*

**Ele** - *Tais querendo dizer que queres ser indenizada por serviços prestados...*

**Ela** - *Não, só quero o que é meu de direito e isso a lei me garante...Sabe DV, eu não lhe falei, mas o terreno onde a nossa casa foi construída era da minha mãe, e se ela quiser, pode complicar para lado do J, só a casa é nossa... o terreno ainda está no nome dela...*

**Ele** - *Tudo bem, se queres que a gente venda a casa não tem problema, a gente vende, mas e quem vai querer morar numa casa que nem rua tem prá chegar. A C tem razão quanto a isso, só que a casa vale uma grana, mas ninguém paga o que realmente vale por que não tem rua, e se a gente vender eu jamais poderei construir uma casa igual, isso porque foi construída noutra época, hoje jamais faria outra casa igual...*

**Ela** - *É por isso mesmo que quero que você construa outra casa para mim, e olha que só aceito fazer isso porque tenho muita pena de ti, pois és muito materialista e individualista, é só grana que importa na tua vida... e o sentimento..onde fica ? não se importa não?*

**Ele** - *Fazer o que, sou assim mesmo, e não acho que esteja errado...E mesmo que tivesse que vender tudo (...) depois tentaria fazer tudo de novo, eu acredito naquilo que faço, não me entrego por qualquer coisa, já me separei uma vez, e nem quis nada, recomecei de novo e tornaria a fazer... Acho que quem quer separar deve enfrentar os riscos, eu enfrentei...e sobrevivi... Meus pais foram felizes por 35 anos, mas um dia tudo acabou, na época me lembro fui contra, não vou dizer que não sofri, mais pela minha mãe, hoje eu consigo entender melhor o que se passou... cheguei a enfrentar meu pai, segui ele até a casa da outra mulher e esvaziei os quatro pneus do carro, ele ficou furioso, tive que sair de casa,... tive*

*muita pena da minha mãe que não conseguia reagir diante da situação... mas ela está lá, não arranhou ninguém,... não sei se é feliz...*

**Est** - E quanto a A.C. ? Ela já sabe que vocês pretendem separar-se?

**Ela** - *Eu já conversei com ela, e ela só pediu que gostaria que ele viesse visitá-la. Sabe ela gosta muito do J, o considera como pai de verdade apesar de saber que não é.*

**Est** - Vejo que a situação de vocês parece estar definida pela separação, conversamos muito, cada um teve oportunidade de dizer o que queria, se tiverem algo mais a dizer ou fazer ainda Está em tempo, caso queiram, posso encaminhá-los ao Direito, onde poderão tratar da parte legal referente a divisão dos bens...

**Ele** - *Por mim não precisa nada disso, eu já prometi para a C que vou construir e farei isso sem necessidade de assinar nada...continuo só perdendo tempo, serviço e dinheiro vindo aqui...*

**Ela** - *Isso tu dizes aqui, e depois? Igual quando disse para mim deixar de trabalhar? E se faltar dinheiro? É, acho que já podemos ir falar disso com os advogados? Não tem jeito (...), é isso mesmo...*

**Ele** - *É... fazer o que, é a vida...*

**Est** - A decisão é de vocês, vou encaminhá-los ao Direito, qualquer dúvida estamos a disposição (...) e daí AC, já acabou teu desenho? Quem são?

**Ela (filha)** - *... (olhando para o desenho)... Esse é meu pai passeando comigo , atrás são as minhas amiguinhas, (G e a R), ...a minha mãe ficou cuidando da casa.*

**Est** - E você AC? Gosta de passear com papai?

**Ela** - *Adoro mais quando ele fica em casa brincando comigo...*

**Est** - Olha AC, achei lindo o teu desenho...

**Ela** - *Então eu vou te dar de presente...*

**Est** - Há... muito obrigada, adorei conhecer você AC... és muito linda e inteligente...

**Ele** - *Vamos embora AC, a DV (ent) tem mais o que fazer, já ocupamos demais ela por hoje...*

**Est** - Vou acompanhar vocês até a equipe de Direito... Qualquer dúvida por favor me procurem... vou acompanhar o transcorrer do processo...

Nos despedimos, eles ficaram aguardando o atendimento pelo Direito, onde foi solicitado alguns documentos, que deveriam serem trazidos na semana seguinte.

Na semana (17-08-94) seguinte o casal retornou com a documentação, participaram do Grupo Apoio às Famílias em Processo de Separação, onde ficou mais uma vez comprovado o enorme conflito vivenciado pelo casal. Ele disposto pela separação e ela por outro lado não percebia-se sem a presença dele.

Relatamos finalmente que na semana seguinte (23-08-94) a Sra. C voltou a nos procurar. Disse que gostaria de parar com o processo de divisão dos bens, e que iria tentar de alguma forma reconquistar seu companheiro pois tinha certeza que não iria conseguir viver sem ele.

Diante da decisão de C, nos dispusemos a apoiá-la naquilo que Estivesse ao nosso alcance. Ela agradeceu nosso apoio, antes porém disse que achava que não deveria ter seguido por esse caminho, só esperava que não fosse tarde demais.

Passado alguns meses, tentamos contato com o Sr. J a fim de encerrar o relatório. Fomos informada que o Sr. J se encontrava em companhia de sua mulher que estava internada no hospital. A pessoa informante não soube precisar qual o hospital e o motivo do internamento. Essa foi a última informação que obtivemos referente a esse caso.

## **ANEXO 2**

**Relatório da Primeira Entrevista Realizada com a Sra. A.J. no dia 05/06/95.**

**Usuária:** A.J.

**Idade:** 28 anos

**Sexo:** feminino

**Estado civil:** solteira (união estável)

**Profissão:** do lar

**Número de filhos:** 2 (gêmeas)

A Sra. JB, após ser atendida pela triagem, foi encaminhada ao Plantão Social, onde então, recebi o caso. Pedi para que a usuária sentasse e apresentei-me como estagiária de Serviço Social, igualmente expliquei-lhe a dinâmica do atendimento no EMAJ. A Sr. JB disse que para ela estava tudo bem, que já sabia como funcionava os serviços.

**Est** - Então, o que está acontecendo Dona J.?

**Ela** - *Sabe o que foi, meu marido me bateu, e eu não aceito. É a terceira vez que ele me bate. "Há discussão constante. Ele vive dizendo que eu tenho outro".*

**Est** - E como tudo começou?

**Ela** - *É que ultimamente tive problema de saúde, são caroços que saiu na virilha, e então não podíamos ter relações. Ele não entendia e insistia, só que eu não tinha condições,(...) e lá em casa todos sabiam do meu problema, meu pai, minha mãe e minha irmã, só ele que não entendia.*

**Est** - E a desentendimento foi por esse fato?

**Ela** - *Não. (...) na verdade tudo começou na sexta-feira ele convidou-me para ir a uma festa. Só que eu não estava a fim de ir e disse que se ele quisesse, que fosse sozinho, e ele foi, só retornando na segunda-feira à noite. E com isso tudo, ainda queria brigar. Não deu sossego prá ninguém. Fomos dormir, e como sempre, as crianças*

*ficaram no meio da cama, e a discussão continuou, e quando chegou pelas duas horas da manhã eu não agüentei mais e fui dormir na cozinha, ele veio atrás, me chamando de "vagabunda", como eu não fiquei quieta ele me deu um soco no ouvido e algumas coisas caíram no chão. Com o barulho meus pais acordaram e vieram ver o que estava acontecendo. Aí eu estava chorando... ele então saiu, foi na casa dos pais dele. Estamos separados desde aquele dia.*

**Est** - Dona J., sobre as crianças dormirem com vocês, foi sempre assim?

**Ela** - *É, as crianças sempre dormiram com a gente. Só quando eram bebês que não. Meu pai fez uma cama grande e cabe todo mundo. Aí eu encostei uma cama ao lado e é onde o V. dorme (marido).*

**Est** - E ele reclama essa situação?

**Ela** - *Não, ele sempre aceitou (...) ele gosta muito das filhas.*

**Est** - E quanto a intimidade de vocês? Quando acontece?

**Ela** - *É (...) só depois que as crianças dormem (...) claro (...) mas sabe, eu não sou muito ligada (...) Depois que as crianças nasceram eu perdi muito o interesse por sexo. Realmente não me importo (...) e do jeito que as coisas estão, nem motivo tem mais (...)*

**Est** - Nesse caso, você admite que coloca as filhas dormirem junto como forma de afastá-lo?

**Ela** - *De certa forma (...) realmente não sou muito ligada.*

**Est** - E foi assim durante os 12 anos que vocês estão juntos?

**Ela** - *Não. Os oito primeiros anos até que foram bons. Nós morávamos com os pais dele. Depois que engravidei passamos a morar com os meus pais... E eu sempre cobre dele que construísse alguma coisa pra gente... só que ele nunca se importou com isso. Ele é muito dependente da mãe, vive mais lá do que em casa...*

**Est** - E você saberia dizer porque ele nunca teve interesse em não construir...

**Ela** - *Não sei, na verdade ele começou a construir depois que as crianças nasceram, só que está muito devagar... Não sei onde ele coloca o dinheiro que ganha, se ele quisesse realmente, as coisas podiam ser diferentes...*

**Est** - E você, chegou a ter iniciativa de querer morar noutra local ou alugar uma casa...

**Ela** - *Sempre pedi para que ele o fizesse, mas ele nunca se interessava, aliás, ele pouco está em casa, passa o dia no carro de frete ou então na mãe dele. As coisas pra ele são muito cômodas. Ele nunca sentiu obrigação de nada. Nunca me deu nada, nem para as filhas. São meus pais que bancam tudo, até o carinho (...) aliás, posso afirmar que o V. (marido) não sabe o que é ser pai, não acompanha as filhas, nunca comprou um remédio (...) e por aí vai (...) a situação é grave mesmo.*

**Est** - E quanto às famílias de vocês...

**Ela** - *Como já lhe disse minha família é muito unida, meus pais estão casados há 30 anos e nunca brigaram, eu me criei num ambiente sem brigas, e não aceito o rumo que agora minha vida tomou, cheia de violência, apanhar na cara, de um homem, "do meu marido", isso não existe, chega, e não adianta, ele não muda, somos muito diferentes. Eu não aprovo muitas coisas nele, inclusive a profissão dele...*

**Est** - J., qual a profissão do teu marido, e porque você é contra...

**Ela** - *Ele trabalha de frete, tem uma Kombi, e também anima festas e bailes com som mecânico...*

**Est** - E por isso...

**Ela** - *É, pra mim isso é profissão de malandro... passa o dia dormindo naquela Kombi... não é um normal, um dia dá, outro não...*

**Est** - E isso te incomoda?

**Ela** - *Não é que me incomoda, mas eu gostaria que ele soubesse fazer outras coisas, participasse mais, ...*

**Est** - E quanto a família de seu marido?

**Ela** - *O V. não tem mais o pai, já faleceu, e a mãe é aposentada, ela mora na Trindade, fica perto do ponto de frete, por isso vive lá...*

**Est** - E como era quando vocês moravam com tua sogra...



**Ela** - *Era horrível... tinha muita briga, eu detestava...*

**Est** - ... como vocês se conheceram...

**Ela** - *Eu tinha outro namorado... Estava apaixonada por ele, daí nós brigamos, então nesse dia conheci o V., fiquei com ele para fazer pirraça pro outro, só que foi ficando, ficando, em três meses nós resolvemos viver juntos, só que eu nunca fui apaixonada por ele, amor mesmo, nunca existiu. Ele sim diz que me ama, mas que amor é esse que bate, que dá porrada, isso não existe..., eu acho que nós nos acostumamos um com o outro, eu me acomodei... mas resolvi mudar... já comecei a estudar, quero fazer algum curso profissionalizante, cuidar das minhas filhas, carinho não vai faltar nem pra mim nem para meninas, meus pais são mais que avós para elas...*

**Est** - J., realmente percebo que existe uma forte definição de tua parte em romper teu relacionamento, quanto a isso, o que mais estaria influenciando nessa decisão, seria a agressão...

**Ela** - *Não é só isso não, tem muita mágoa, muito ressentimento...*

**Est** - J., realmente entendemos claramente tua situação, e diante da tua posição de realmente querer separar, gostaríamos primeiramente conversar com teu marido, assim como conversamos contigo. Por isso, gostaria de saber se é possível você entregar uma carta-convite para teu marido... e para quando poderíamos marcar?

**Ela** - *Não tem problema, eu entrego sim, se eu não puder entregar, peço para alguém fazê-lo (...) só que não posso garantir que ele venha...*

**Est** - Caso ele não concorde em vir, então você retorna e será encaminhada para o Direito, mas de alguma forma ele terá que vir, poderá ser amanhã?

**Ela** - *Sim, pode ser...*

**Est** - Certo J. (...) vejamos (...) poderia ser amanhã, entre 14:00 e 16:00 horas.

Relatório da segunda entrevista:

Data: 06/06/95

Horário: 14:00 horas

A Sra. J. compareceu no horário marcado. Dirigi-mo- nos até a sala 10, para o atendimento. Convidei-a para entrar e sentar. Ela foi logo dizendo que achava que seu marido não viria.

**Est** - Seria importante a presença do teu marido, mas se ele não vem...

**Ela** - *E o que vai acontecer se ele se recusar a vir...*

**Est** - Nesse caso J., vai depender da tua decisão de querer separar ou não...

**Ela** - *Mas isso já está definido, nada mudará minha decisão, ele disse que não quer a separação. Nós conversamos ontem, e ele disse que passa a casa no nome das crianças, que dá pensão pra elas, mas não quer a separação (...), mas isso não é possível, eu não quero mais viver com ele... Ele não pode me obrigar... Ele precisa entender(...) já dei muita chance, mais de mil (...)*

**Est** - J., caso não haja acordo, a separação ocorrerá via processo litigioso... por não existir acordo prévio, caberá ao juiz definir a situação... é claro que ninguém é obrigado conviver com outra pessoa se não for de acordo... para que isso aconteça, você será encaminhada ao Direito onde o processo será iniciado, eles irão novamente intimar o teu marido, e se ele insistir em não comparecer, o processo será litigioso...

**Ela** - *Então, vai ter que ser assim, inclusive meu irmão está me acompanhando, e ele ainda tem que ir trabalhar, estou com pressa(...)*

**Est** - J., vai demorar um pouco, pois ainda não são 15:00 horas, e é quando o Direito inicia o atendimento...

Nesse momento, somos avisadas da presença do Sr. V. (...) ele é convidado a entrar, mostra-se bastante nervoso... Minha impressão sobre ele é de um homem firme, decidido, seguro (...) No entanto, essa impressão

também a Sra. J. me passou. Uma mulher, tranqüila, decidida, sabe o que quer... se não tem o controle da situação, pelo menos tem claro o que acontece... O Sr. V. ao entrar não aceitou sentar na cadeira ao lado de sua mulher... existiam três cadeiras, onde uma ficou entre eles, ele afastou a cadeira ao máximo para a direita, encostando na estante e ela (Sra. J.) da mesma forma encostou ao máximo para esquerda, encostando no arquivo (...) A Sra. J. olhou-me apreensiva, seus olhos estavam cheios de lágrimas. O Sr. V. inclinou o corpo pra frente, apoiou os cotovelos na coxa, e ficou aguardando...

**Est** - Seu V., a sua mulher já deve ter falado qual o motivo da sua presença aqui hoje, (...) e como já conversamos com ela, gostaríamos de saber se o senhor tem algo a dizer sobre a situação, (...)

**Ele** - *É, a J. está criando caso, só que é ela que está querendo separar, eu não quero e não vou me separar, e aí... como fica...quem é que vai me obrigar... ninguém, e daí, o que você vai fazer "hem dona J"...*

**Ela** - *V., por favor, não complique as coisas, tu já sabes que não tem volta, tuas chances acabaram, eu não quero mais viver contigo e acabou(...)*

**Ele** - *... problema teu... só que eu não quero me separar... como te disse... passo a casa no nome das nossas filhas, sustento elas, mas vou morar na casa.*

**Ela** - *Isso não existe V. (A Sra. J. começa a chorar, me olha num pedido de ajuda...). Nesse momento o Sr. V. se dirige a mim.*

**Ele** - *Como é mesmo seu nome?*

**Est** - V....

**Ele** - *Pois é dona V., a situação está difícil. Eu sei que errei, já perdi perdão pra J. e peço de novo se for necessário, mas ela é muito teimosa...*

**Ela** - *Não é teimosia não, e não esqueça que você me deu uma porrada na cara...e isso eu não perdôo.*

**Ele** - *Eu já pedi desculpa, e propus que em quinze dias instalo luz e água na nossa casa e a gente vai viver lá, “eu, ela e as crianças”, tenho certeza que as coisas serão diferentes, tudo vai mudar. Sabe D. V., eu não tenho um espaço... a casa é dos pais dela e eu não tenho como me impor... aquilo é só deles...*

**Ela** - *E por que você nunca pensou nisso antes V., você é um cara muito acomodado, não se importa comigo e nem com as tuas filhas, se em doze anos você foi assim não será agora que as coisas serão diferentes, e se as coisas não estão, não é por culpa dos meus pais, que são as únicas pessoas que apoiaram, se não fosse minha família(...)*

**Ele** - *Não é bem assim J., você não entende, e quando moramos com minha mãe...*

**Ela** - *Não quero nem lembrar, aquilo não era vida, voava panela para tudo que era lado, você não sabe o que passei lá...*

**Ele** - *Olha J., você não é nenhuma santa, quer que eu fale dos teus “podres”...*

**Ela** - ... *“que podres”...*

**Est** - *Podes falar Seu V., se achar que é importante...*

**Ele** - *Sabe o que é, a J. é muito ignorante, ela não compreende as coisas(...)*

**Ela** - ... *ignorante ? eu ? , como assim... fale...*

**Ele** - *Veja só, ela chegou ao ridículo de dizer para nossas filhas que eu tinha morrido, isso é normal(...)*

**Ela** - *E você queria o que, você simplesmente sumiu durante três dias... elas perguntaram de ti, e o que você queria que eu respondesse à elas?... se você não dá notícias.*

**Ele** - *Você sabia onde eu estava...*

**Ela** - *Pois continue lá, é lá onde você realmente vive mais...*

**Ele** - *Igual a você... mas eu insisto em querer pelo menos por sessenta dias tentar morar na nossa casa, depois disso, eu prometo, se realmente não*

*der certo, eu me retiro... mas tenho certeza, vai dar certo, eu quero mudar e para isso você tem que me dar mais uma chance, eu mudo, eu quero mudar...*

**Ela** - *V., ninguém muda da noite pro dia..., e eu não quero mais levar porrada na cara...*

**Ele** - *J., eu juro, isso não vai mais acontecer(...)*

**Ela** - *Você falou isso na primeira vez... e aconteceu pela terceira vez... chega...*

**Ele** - *Tá vendo só, ela é uma “primitiva”.*

**Ela** - *Eu só quero cuidar da minha vida...*

**Ele** - *É, mas eu não aceito separar... e vai ser como já disse “passo a casa para filhas, mas vou morar junto...”*  
(E o Sr. V. insistiu até o final da entrevista nesse ponto.)

**Ela** - *D. V., vê só como ele é (...) isso não pode ser, diz pra ele...*

**Ele** - *É J., você me conhece sim, eu sou duro, se é assim que você quer então vamos ver quem pode mais...*

**Ela** - *Então vai tudo pro litigioso, como a D.V. já explicou... aí vai ser tudo dividido, os aparelhos, a casa, o carro, e você sabe que tenho parte(...)*

**Ele** - *Então vou recorrer pela guarda das minhas filhas, eu sou o pai, e o maior direito é meu...*

**Ela** - *Pai! Você? Desde quando...? Só agora você se lembra que tem filho? Pois podem ir perguntar no bairro inteiro para saber quem cuida das crianças... eu, sempre eu, com o apoio da minha família...*

**Ele** - *Mas eu sei que tenho direito de visitar e sair com minhas filhas.*

**Ela** - *De que jeito. Elas nunca aceitaram sair sozinhas contigo, sem a minha presença.*

**Ele** - *Olha D. V., não faz nada por enquanto... me dê mais uma semana pra pensar e ver se revento a situação...*

**Ela** - *Não, não quero ficar nem mais um dia com “esse homem”....*

**Ele** - J., as coisas podem mudar, apenas cabe a você decidir, uma vida de doze anos não pode ser decidida e modificada da noite para o dia (...)

**Ela** - Não V. Sabes o que é “não”.

**Ele** - ... *tá bom, (...) agora eu vou, depois a gente vê como fica...*  
(Ele parou por um instante na porta, pensou um pouco e foi embora.)

**Est** - É essa mesmo a sua decisão?

**Ela** - *É sim, não adianta mais, eu sei que ele não vai mudar, não quero mais sofrer...*

**Est** - J., queres ser encaminhada agora ou vai dar mais um tempo...

**Ela** - *Quero que seja agora...*

Orientei a Sra. J.B sobre como seria de agora em diante. Pela posição do Sr.V. a situação poderia demandar mais tempo. Ainda falamos quanto ao direito de ele visitar as crianças, e que ela deveria colaborar nesse processo, a fim de que as crianças aceitassem, e não usar as crianças e colocá-las contra o pai...

Nesse sentido A Sra. J. disse que nunca o fez, e se assim acontecia era porque realmente o marido era ausente... Encaminhei a Sra. J. para a equipe número 157 do Direito e faremos o acompanhamento do processo.

Data: 13/06/95

Nesse dia o casal retornou para atendimento com o Direito. Convidei o casal para repassar como estava a situação, após o último atendimento.

**Est** - Dona J. e Sr. V, por favor entrem e fiquem à vontade. E aí, como está a situação?

**Ela** - *Está tudo bem, chegamos a um acordo...*

**Ela** - *Está tudo bem, chegamos a um acordo...*

**Est** - *Em que sentido...*

**Ela** - *É, como já havíamos falado no outro dia, ele vai dar a pensão para as crianças, vai passar a casa no nome delas...*

**Est** - *E quanto ao fato do Sr. V. insistir em também morar na casa...*

**Ela** - *É, ele continua querendo... mas não tem jeito, agora ele resolveu que vai ficar morando com a mãe dele... vai ficar tudo como era antes, pois ele vivia mais lá do que em casa...*

**Est** - *É isso mesmo Sr. V., o que tens para dizer...*

**Ele** - *(Olhou para baixo, mexeu os ombros e nada respondeu)*

**Est** - *(insisti)*

**Ele** - *É... o que fazer... não tenho opção.*

**Est** - *E quanto as visitas...*

**Ela** - *O V. tem toda a liberdade para ver as crianças quando quiser, ele só não pode fazer o que fez ontem...*

**Est** - *O que ele fez ontem?*

**Ela** - *Ontem ele resolveu visitar as crianças, só que encheu a cara primeiro, chegou lá podre de bêbado gritando, as crianças se assustaram e correram se esconder no meu quarto, debaixo dos lençóis... elas nunca tinham visto o pai dessa maneira...*

**Est** - *O que aconteceu Seu V.?*

**Ele** - *Sabe o que é, eu vou lhe explicar direitinho... é que eu caí na besteira de bater nessa mulher, dentro da casa dos pais dela, na frente de todo mundo... aí não dá... não consigo mais encarar os velhos... tive que beber para enfrentar a situação.*

**Ela** - *Ele nunca fez isso, porque ele não pode beber, vê só... mas meu pai disse que ele pode vir quando quiser, ele (marido) sabe disso...*

**Est** - E aí com bebida, a coragem veio Seu V.?

**Ele** - *É... né... tudo está acabado mesmo, não tem mais jeito...*

(O Sr. V. fica parado, de cabeça baixa, silencioso, a voz embargada)

**Est** - Que é isso Sr. V., as coisas mudam, hoje você está assim, daqui a algum tempo tudo poderá ser diferente, até melhor...

**Ela** - *É, ele falou que não quer mais saber de mulher...*

**Ele** - *Depois dessa experiência, se eu cair noutra (...) assim não dá (...)*

O acompanhamento do caso foi encerrado neste dia. Relatamos que no dia 07/11/95 efetivou-se a dissolução da sociedade de fato.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. et. ali. Adolescência Normal. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- BAMP, I. A Trajetória da Família na Sociedade. Uma Leitura da Família Encontrada no Cotidiano do EMAJ. TCC, UFSC, 1995.
- BEAUVOIR, S. de. O Segundo Sexo. 1. Fatos e Mitos. São Paulo, Nova Fronteira, 8.ed.
- BRASIL, Constituição da República Federativa do, 1988, Capítulo I, Art. 5, inc.I
- CALIL, V.L. Terapia Familiar e de Casal. São Paulo, Sumus, 1987.
- CALLIGARIS, C. O Grande Casamenteiro. In: O Laço Conjugal. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994.
- CARRARO, C. S. A Teoria das Representações Sociais como Instrumento para Análise da Separação Conjugal. Um Estudo no EMAJ. TCC, UFSC, 1995.
- CASAGRANDE, M.A. O Serviço Social no EMAJ - Uma Alternativa Preventiva na Construção da Cidadania. TCC, UFSC, 1995.
- CHIZZOTTI, A. A Pesquisa em Ciências Humanas. São Paulo, Cortez, 1991.
- BRASIL, Constituição da República Federativa do, 1988, Capítulo I, art. 5, inc. I.
- COSTA, G. & KA, G. Dinâmica das Relações Conjugais. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- D'INCAO, M.A. O Amor e a Separação. In: PORCHAT, I. Amor, Casamento, Separação. A Falência De Um Mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.

- FURTADO, R. de C. Serviço Social e Direito no EMAJ da UFSC. A Busca de uma Prática Pluralista. TCC, UFSC, 1994.
- GIL, A.C. Como elaborar projetos de Pesquisa. São Paulo, Atlas, 1993.
- GOMES, P. B. Separação - contingência do casamento? In: PORCHAT, I. Amor, Casamento, Separação. A Falência de um Mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- KLEIN, M. O Sentimento de Solidão. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- LAMANNO, V.L. Repetição e Transformação na Vida Conjugal. São Paulo, Summus, 1994.
- \_\_\_\_\_. Casamento e divórcio: um estado mental. In: PORCHAT, I. Amor, Casamento, Separação. A Falência de um Mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- MALHEIROS, F. Os Laços Conjugais e os Novos Rumos da Família. In: O Laço Conjugal. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994.
- MAY, J. T. A Violência contra a Mulher no Contexto das Relações Conjugais. In: V Seminário Catarinense de Iniciação Científica. UFSC, 1995.
- MINUCHIN, S. Famílias: Funcionamento & Tratamento. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- MIOTO, R.C. T. Educação e Família. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1989.
- \_\_\_\_\_. Famílias de Jovens que Tentam Suicídio. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1994.
- MONTEIRO, W. de B. Curso de Direito Civil. Direito de Família. São Paulo, Saraiva, 1994.

MUSZKAT, M.E. Descasamento: a falência de um ideal. In: PORCHAT, I. Amor, Casamento, Separação. A Falência de um Mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.

PINCUS, L. & C. DARE. Psicodinâmica da Família. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

PORCHAT, I. Pensando a Dor da Separação. In: Amor, Casamento, Separação. A Falência de um Mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.

RAMOS, M. Introdução à Terapia Familiar. São Paulo, Ática, 1990.

RICHTER, H.E. A Família como Paciente. São Paulo, Martins Fontes, 1979.

SERAFIM, M.F. A Sociedade Conjugal: A Construção de um novo Espaço de Direitos da Mulher. TCC, UFSC, 1994.

SOIFER, R. Psicodinamismos da Família com Crianças. Petrópolis, Vozes, 1983.

TAUBE, M.J. M. Alianças partidas ou a dor da separação nas camadas populares. In: PORCHAT, I. Amor, Casamento, Separação. A Falência de um Mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.